



Jesus de Nazaré. Humanamente divino e divinamente humano

Faustino Teixeira

O Jesus de Pagola

Carlos Palacio

Humanamente divino e divinamente humano

Jacques Schlosser

Jesus: o profeta da Galileia

E mais:

>> **Deífilo Gurgel:**
Lembranças de Dona
Militana: a maior
romanceira do Brasil

>> **Religiões do mundo:** a ética
mundial ao alcance de todos

Jesus de Nazaré. Humanamente divino e divinamente humano

Jesus. Aproximação histórica é um livro que suscitou uma enorme polêmica da Europa, especialmente na Espanha. O autor do livro é **José Antonio Pagola**, teólogo, autor de diversas obras de teologia, pastoral e cristologia. Mais de 50 mil exemplares do livro foram vendidos na Espanha. Duramente questionado pela Conferência Episcopal Espanhola, o livro já foi traduzido em diversas línguas e acaba de ser publicado, no Brasil, pela Editora Vozes.

O debate suscitado pelo livro foi amplamente reproduzido pelas **Notícias do Dia**, publicadas diariamente na página do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

A última edição deste semestre da **IHU On-Line** discute o tema do livro de 652 páginas.

Foram entrevistados **Andrés Torres Queiruga**, teólogo, professor da Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, **Jacques Schlosser**, exegeta, professor na Faculdade de Teologia de Strasbourg (Université Marc Bloch), **Carlos Palacio**, teólogo, superior provincial da Companhia de Jesus no Brasil, **Francisco Orofino**, teólogo, professor no Seminário Paulo VI, de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, **Faustino Teixeira**, professor e pesquisador do PPG em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora e **José Ignacio González Faus**, do Centro de Estudos “Cristianismo e Justiça”.

A **Faustino Teixeira**, parceiro do IHU, agradecemos, mais uma vez, a importante contribuição que deu na elaboração da pauta desta revista.

Recentemente faleceu **Militana Salustino do Nascimento** (1925 -2010), conhecida como Dona Militana, natural de São Gonçalo do Amarante/RN, que cantou romances, modinhas, coco, xácaras, moirão, toadas e boi, aboios e fandangos. Uma entrevista com o folclorista **Delfídio Gurgel** contribui para um melhor conhecimento da sua importância para a cultura popular brasileira.

Sob o título “Religiões do Mundo: a ética mundial ao alcance de todos”, **Moisés Sbardelotto** narra algo do trabalho do escritório brasileiro da Fundação Ética Mundial.

“Mídia e educação: a necessidade de refletir sobre sua regulamentação” é o título do artigo de **Paola Madeira Nazário**, membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade - Grupo Cepos/Unisinos.

A revista **IHU On-Line** volta a circular no próximo dia 02-08-2010.

A todas e a todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley e Cássio de Almeida. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Andrés Torres Queiruga: “Em Jesus se realiza o melhor de nós”

PÁGINA 07 | Faustino Teixeira: O Jesus de Pagola

PÁGINA 10 | Francisco Orofino: Jesus: um apaixonado por Deus e pelas pessoas

PÁGINA 12 | José Ignacio González Faus: A humanidade de Jesus como divindade e amor

PÁGINA 15 | Jacques Schlosser: Jesus: o profeta da Galileia

PÁGINA 18 | Carlos Palacio: Humanamente divino e divinamente humano

B. Destaques da semana

» Memória

PÁGINA 24 | Haroldo Gomes: Dona Militana: o canto que vem de Oiteiro

PÁGINA 25 | Deífilo Gurgel: Lembranças de Dona Militana: a maior romanceira do Brasil

» Coluna do Cepos

PÁGINA 30 | Paola Madeira Nazário: Mídia e educação: a necessidade de refletir sobre sua regulamentação

» Destaques On-Line

PÁGINA 32 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

» IHU Repórter

PÁGINA 38 | Simone Blume



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

“Em Jesus se realiza o melhor de nós”

Para o teólogo espanhol Andrés Torres Queiruga, ao olharmos Jesus, reconhecemos o melhor de nós mesmos enquanto criaturas criadas, sustentadas e habitadas por Deus

POR GRAZIELA WOLFART E CLEUSA ANDREATTI

Desafiado a definir quem foi Jesus, o teólogo espanhol Andrés Torres Queiruga responde que foi “aquele que conseguiu a culminação insuperável da acolhida de Deus na história humana (...) e que conseguiu revelar e viver para Deus como amor infinito e perdão incondicional, preocupado apenas com nosso bem e nossa salvação, convocando-nos a colaborar com Ele para que isto seja possível para todos”. Na visão de Queiruga, “não é possível pensar uma meta maior e sempre poderemos estar caminhando até ela”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à IHU On-Line, ele ainda fala sobre as transformações que a Teologia vem sofrendo em nossa sociedade. E afirma: “É uma teologia que progrediu e fez muitas mudanças, mas que, no entanto, não tem tocado nas questões de fundo. Foram feitas reformas, mas, em questões fundamentais, é preciso uma ‘mudança de paradigma’”.

Andrés Torres Queiruga é professor da Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. É licenciado em Filosofia e Teologia pela Universidade de Comillas, Espanha, doutor em Filosofia pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália. Entre suas obras publicadas em português, citamos *Creio em Deus Pai. O Deus de Jesus como afirmação plena do humano* (São Paulo: Paulinas, 1993); *O cristianismo no mundo de hoje* (São Paulo: Paulus, 1994); *A revelação de Deus na realização humana* (São Paulo: Paulus, 1995); e *Repensar a ressurreição* (São Paulo: Edições Paulinas, 2004). No livro *A teologia na universidade contemporânea*, organizado por Inácio Neutzling e publicado pela Editora Unisinos, 2005, Queiruga é autor do artigo *A teologia a partir da modernidade*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como entender a grande atração provocada pela pessoa de Jesus?

Andrés Torres Queiruga - Como disse o Concílio: em seu mistério se revela nosso mistério; olhando Ele, reconhecemos o melhor de nós mesmos enquanto criaturas criadas, sustentadas e habitadas por Deus, que nos chama à confiança n’Ele e na radical fraternidade com as outras pessoas.

IHU On-Line - Como explicitar o lugar decisivo dado à compaixão na missão histórica de Jesus?

Andrés Torres Queiruga - Porque o amor, como a água, sempre tende a descer até onde estão a carência, a marginalização e o sofrimento: os “pobres”, no íntimo e amplo sentido evangélico.

IHU On-Line - Qual é a singularidade da intimidade filial de Jesus com

Deus?

Andrés Torres Queiruga - Nunca o saberemos completamente. Adivinhemos seu mistério na transparência total à presença de Abba; em seu viver radical e sem fissuras “a partir de Deus”, como de seu pão de cada dia; em sua disponibilidade plena ao chamado que constitui seu ser enquanto saído do Pai, até o ponto em que podemos dizer que ver e escutar Ele é ver e escutar o Pai.

IHU On-Line - Como nós, hoje, no século XXI, podemos entender de forma racional a pessoa de Jesus?

Andrés Torres Queiruga - Tudo o que foi dito no ponto anterior vale, em diferente, mas real medida, para nós: nosso ser “ressoa” em seu encontro e podemos “imitá-lo” e “seguir-lo”. Por isso, a melhor maneira de compreendê-lo é reconhecer que

nele se realiza o melhor de nós, aquilo a que aspiramos sem alcançar totalmente. Por isso, Rahner¹ dizia

¹ Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, e *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A edição número 102, da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158261608.85pdf.pdf>. Os Cadernos Teologia Pública publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. Confira esse material em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/>

que a Cristologia é a culminação da Antropologia (eu concreto: a pessoa vista desde a criação por amor). Definitivamente, Jesus é “igual a nós, mas diferente; diferente, mas igual”. Por algum motivo, nos convida a orar como ele: “Pai nosso”.

IHU On-Line - Como o senhor responde hoje à pergunta: quem foi Jesus?

Andrés Torres Queiruga - Aquele que conseguiu a culminação insuperável da acolhida de Deus na história humana, aprendendo dela (sobretudo através do Antigo Testamento e das culturas e religiões presentes em seu gênesis, assim como também das culturas de seu tempo, helenista e romano), mas a levando à radicalidade insuperável desde sua própria experiência que lhe permitiu romper o último “muro”. Em síntese: Aquele que conseguiu revelar e viver para Deus como amor infinito e perdão incondicional, preocupado apenas com nosso bem e nossa salvação, convocando-nos a colaborar com Ele para que isto seja possível para todos. Não é possível pensar uma meta maior e sempre poderemos estar caminhando até ela.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a situação da Teologia diante das grandes mudanças que caracterizam o contexto atual?

Andrés Torres Queiruga - É uma teologia que progrediu e fez muitas mudanças, mas que, no entanto, não tem tocado nas questões de fundo. Foram feitas reformas, mas, em questões fundamentais, é preciso uma “mudança de paradigma”.

IHU On-Line - Quais as principais questões colocadas à Teologia pelo pluralismo cultural, religioso e de valores vigentes em nossa sociedade?

Andrés Torres Queiruga - No aspecto teórico, uma nova concepção da revelação: o amor infinito de Deus manifestando-se o máximo possível

em todos os homens e mulheres, em todas as culturas e religiões; só limitado pelo respeito divino à liberdade humana e pela limitação inevitável de nossas capacidades. No campo prático, uma maior, mais fraterna e igualitária, participação de todos – homens e mulheres sem nenhum tipo de discriminação – na vida da Igreja: neste sentido, uma “democratização” radical: os primeiros, últimos; o que manda, serve.

IHU On-Line - O que se entende hoje como uma “teologia pluralista”?

Andrés Torres Queiruga - Na visão do interior da Igreja, é o respeito às diferentes teologias na comunhão da fé comum. Do ponto de vista das demais religiões, é o reconhecimento da presença salvadora e reveladora de Deus nas distintas medidas de sua acolhida histórica. Isso não impede confessar que em Cristo se alcançou a culminação insuperável em si mesma, ainda que perfectível em nossa responsabilidade de atualizá-la no caminho da história. Aí as demais religiões podem ajudar também, na medida em que nós lhes oferecemos o que foi conquistado em Cristo.

IHU On-Line - Como as demandas de uma teologia pluralista impactam na teologia da revelação?

Andrés Torres Queiruga - Tornando-a mais aberta, humilde e fraternal como atitude; nada literalista na interpretação da Bíblia e da tradição; mais teocêntrica desde Deus tal como se revelou em Jesus, o Cristo.

LEIA MAIS...

>> Andrés Torres Queiruga já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

* *Teologia, pós-modernidade e universidade*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 103, de 31-05-2004, disponível para download em <http://bit.ly/bcvPx8>

* *Teologia e modernidade: a busca de novos paradigmas*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 92, de 15-03-2004, disponível para download em <http://bit.ly/aegIE3>

1158261608.85pdf.pdf. A edição 297, de 15-06-2009, intitula-se *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1245168975.3888pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

http://twitter.com/_ihu

O Jesus de Pagola

Faustino Teixeira faz uma análise da obra de Pagola, ressaltando que concorda com o autor quando afirma que não há como aproximar-se de Jesus sem sentir-se atraído e fascinado por sua pessoa, pelo carinho, delicadeza e ternura com que trata os outros, independente de seu gênero, etnia ou religião. “O que fala mais alto em Jesus é o seu testemunho de vida”, afirma

POR GRAZIELA WOLFART

Para o teólogo mineiro Faustino Teixeira, o livro *Jesus. Aproximação histórica* (Petrópolis: Vozes, 2010), de José Antonio Pagola tem uma tripla destinação: é dirigido “aos cristãos e cristãs que perderam o contato com a mensagem viva de Jesus, aos que muito ignoram a seu respeito e aos que se decepcionaram com o cristianismo real e buscam outros caminhos de afirmação de sentido”. Na entrevista que segue, concedida à IHU On-Line por e-mail, Teixeira destaca que, “com base nos recursos da investigação moderna e contemporânea, e o apoio interdisciplinar, Pagola busca aproximar-se historicamente da figura de Jesus. O seu objetivo é facultar o ‘contato vivo com sua pessoa’, sem cair em abstrações metafísicas, ainda que sublimes, sobre o seu ser. Assinala sua dificuldade em crer ‘num Cristo sem carne’, ou acessar a Jesus como mistério que dá vida só mediante a doutrina. Adverte sobre o risco de converter Jesus Cristo, de forma exclusiva, a um ‘objeto de culto’, enquanto ‘ícone venerável’, mas destacado de sua condição de profeta do reino de Deus. Esse é o risco de um Jesus sem reino, de que fala também Jon Sobrino. Não há como acessar ao verdadeiro significado de Jesus destacando-o de sua relação com o reino de Deus. Como indica Pagola, ‘o que ocupa o lugar central na vida de Jesus não é Deus simplesmente, mas Deus com seu projeto sobre a história humana’.

Faustino Teixeira, parceiro do IHU, é doutor e pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. É professor-associado e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR-UFJF), em Minas Gerais. É autor e organizador de diversos livros. Ao lado de Renata Menezes, é organizador de *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas* (Petrópolis: Vozes, 2009). Colabora organicamente com o IHU nas Orações Inter-religiosas publicadas semanalmente no blog do IHU com ilustrações de Pulika. Elas podem ser acessadas em <http://migre.me/UI0a>. Confira a entrevista.

IHU On-Line - A quem se destina esse Jesus de Pagola?

Faustino Teixeira - Na apresentação desta nona edição de seu livro, Pagola¹

1 José Antonio Pagola (1937): sacerdote, teólogo e biblista espanhol, autor do best-seller *Jesús, aproximación histórica* (Ed. PPC), lançado agora em português pela Editora Vozes, de Petrópolis-RJ. É licenciado em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, em Sagrada Escritura pelo Instituto Bíblico de Roma, e diplomado em Ciências Bíblicas pela Escuela Bíblica de Jerusalém. Veja o que já foi publicado no sítio do IHU sobre o livro *Jesus. Aproximação histórica*:

- Uma resenha de autoria de Faustino Teixeira, em 11/3/2010, intitulada *O segredo de um fascinante galileu*, disponível em <http://migre.me/UH0b>;
- A matéria *Brigando por Cristo. Controvérsias sobre o livro de Pagola*, publicada em 17/3/2010 e disponível em <http://migre.me/UH2c>;

- A matéria *O basco Pagola e o norte-americano John P. Meier*, publicada em 11/3/2010 e disponível em <http://migre.me/UH3M>;

- A matéria *Pagola. Roma quer ‘esfriar’ a polêmica*, publicada em 10/3/2010 e disponível em <http://migre.me/UH58>;

- A matéria *“Bem-aventurados sereis quando vos perseguirem”*, publicada em 6/3/2010 e disponível em <http://migre.me/UH7L>;

- A matéria *Clero de San Sebastián toma partido a favor de Pagola*, publicada em 6/3/2010 e disponível em <http://migre.me/UH8E>;

- A matéria *“Pagola é honesto em sua aproximação histórica”*, publicada em 2/3/2010 e disponível em <http://migre.me/UHbB>;

- A matéria *Bispos espanhóis censuram o livro “Jesus” do teólogo José Pagola*, publicada em 2/3/2010 e disponível em <http://migre.me/>

- A matéria *Dom Uriarte: ‘É um obra honesta e documentada’*, publicada em 2/3/2010 e disponível em <http://migre.me/UHfT>;

já manifesta o seu fascínio por Jesus. Sublinha que ele “é o melhor que a humanidade produziu. O potencial mais admirável de luz e de esperança com que nós seres humanos podemos contar”. Argumenta que recuperar essa memória de Jesus é fortalecer o horizonte da história, que ficaria muito empobrecido com o seu esquecimento. O que o au-

UHCQ;

- A matéria *Em defesa do livro “Jesus” de José A. Pagola*, publicada em 2/3/2010 e disponível em <http://migre.me/UHgf>; (Nota da IHU On-Line)

tor intenta fazer nesta excelente obra é buscar uma aproximação histórica com base no “Jesus recordado”, ou seja, na lembrança que ele deixou no núcleo de seus seguidores. Sua intenção com a obra é colocar Jesus à disposição de todos, pois sua vida, atuação e mensagem não são propriedade exclusiva dos cristãos, mas constituem um “patrimônio da humanidade”. É uma obra que tem, portanto, uma tripla destinação. É dirigida aos cristãos e cristãs que perderam o contato com a mensagem viva de Jesus, aos que muito ignoram a seu respeito e aos que se decepcionaram com o cristianismo real e buscam outros caminhos de afirmação de sentido. Pagola assinala que sua opção em favor de uma perspectiva narrativa da vida de Jesus intenciona “aproximar o leitor de hoje, crente ou não, à experiência vivida pelos que se encontraram com Jesus, e ajudá-lo a sintonizar com a Boa Notícia que descobriram nele”. E não há como aproximar-se desse “poeta da compaixão” sem sentir-se profundamente atraído por ele e convocado ao seu seguimento.

IHU On-Line - Jesus aparece na obra de Pagola como o “poeta da compaixão”, o “curador da vida” e o “defensor dos últimos”. É possível verificar aí o segredo de seu fascínio?

Faustino Teixeira - Não há dúvida alguma sobre isso. O autor consegue apresentar com imensa felicidade essa faceta extraordinária de Jesus como um buscador singular de Deus, mas de um Deus que tem entranhas de compaixão e misericórdia. Isso me faz lembrar uma reflexão de Roger Haight, em seu livro *Jesus símbolo de Deus* (1999). Dizia ali que Jesus era teocêntrico, mas que ironicamente o que ele apresentava ao mundo era um Deus antropocêntrico, ou seja, um Deus “intrinsecamente interessado e preocupado com o bem-estar de suas criaturas”. Pagola sublinha em seu livro que a melhor metáfora para expressar a ideia de Deus é a do “Deus compassivo”. A profunda paixão de Jesus pelo reino de Deus, que é o centro referencial de sua vida, faz com que ele traduza na história, em gestos efetivos, a Boa Notícia que ele recebeu de seu Pai. Animado pela experiência do Deus da vida, Jesus anuncia a todos uma notícia que traduz mudança de perspectiva:

“A maneira peculiar com que falava aos outros sobre Deus e seu projeto de vida provocava entusiasmo e paixão nos setores mais simples da Galileia”

a de que “Deus já está aqui buscando uma vida mais ditosa para todos”. Tudo isso foi motivo de impacto e sedução em seu tempo. A maneira peculiar com que falava aos outros sobre Deus e seu projeto de vida provocava entusiasmo e paixão nos setores mais simples da Galileia. Era mesmo o que precisavam ouvir: a notícia de que “Deus se preocupa com eles”. Jesus não era somente o “poeta da compaixão”, mas também “curador da vida”. Trata-se de um curador singular, pois despertava nos outros a vontade de viver com dignidade e sinalizava uma relação distinta com o mistério do Deus que abre novos caminhos. Na verdade, como bem expressa Pagola, Jesus contagia saúde, vida e alegria: “Seu amor apaixonado à vida, sua acolhida afetuosa a cada enfermo ou enferma, sua força para regenerar a pessoa a partir de suas raízes, sua capacidade de transmitir sua fé na bondade de Deus. Seu poder de despertar energias desconhecidas no ser humano criava as condições que tornavam possível a recuperação da saúde”. Outro importante traço de Jesus é a sua acolhida aos pobres. Identifica-se como “defensor dos últimos”. Na perspectiva de sua peculiar atuação, sinaliza que o caminho que leva a Deus “não passa necessariamente pela religião, pelo culto ou pela confissão de fé, mas pela compaixão para com os ‘irmãos pequenos’”. Trata-se da “grande revolução religiosa” provocada por Jesus, que abre uma via nova de acesso a Deus, que passa pela acolhida e compromisso com o outro necessitado, sobretudo o mais pobre. E levar a cabo o seguimento de Jesus, como lembra Pagola, é também “pôr no centro de nosso olhar e de nosso coração os pobres. Situar-nos na perspectiva dos que

sofrem. Fazer nossos seus sofrimentos e aspirações. Assumir sua defesa”.

IHU On-Line - Um dos traços novidadeiros do Jesus de Pagola é a forma como trabalha o tema de Jesus e as mulheres, inclusive sublinhando o papel protagônico das mesmas no seu discipulado. Há nesse âmbito um campo rico para o trabalho de reflexão?

Faustino Teixeira - De fato, Pagola reserva um lugar de grande destaque às mulheres no discipulado de Jesus. A viva imagem que passa em sua obra é a de Jesus como amigo das mulheres, e num tempo em que elas viviam uma precária situação, de rejeição e exclusão. Jesus lança um olhar diferente sobre elas, tornando-as visíveis e presentes. A palavra chave aqui é a acolhida. Pagola mostra como as mulheres fizeram parte do grupo dos discípulos desde o início, permanecendo todo o tempo fiéis a Jesus e à sua causa. O autor sugere que elas estiveram também presentes na última ceia e assumiram um papel protagônico na origem da fé pascal. Muito rica também a reflexão do autor sobre Maria Madalena² (Maria de Mágdala), a melhor amiga de Jesus. Ele desfaz preconceitos a respeito e resgata a imagem de Madalena como “seguidora fiel de Jesus e testemunha eminente do Senhor ressuscitado”, tão viva na Igreja do Oriente.

IHU On-Line - Em artigo publicado em 1993, Jon Sobrino afirmara que o maior receio do terceiro mundo é um “Cristo sem Reino”, ou seja, uma concentração no mediador que relega a segundo plano as exigências da mediação do Reino. Em semelhante linha de reflexão, Pagola assinala que na vida de Jesus o lugar central foi ocupado não por Deus simplesmente, mas “Deus com seu projeto do reino de Deus”. Como explicitar melhor essa questão?

Faustino Teixeira - Com base nos recursos da investigação moderna e contemporânea, e o apoio interdisciplinar, Pagola busca aproximar-se historicamente da figura de Jesus. O seu objetivo é facultar

² O IHU publicou uma série de matérias sobre Maria Madalena, que podem ser encontradas em www.ihu.unisinos.br, entre elas uma entrevista com Bernard Sesboué, intitulada “Jesus e Maria Madalena”, publicada na edição número 199, de 09-10-2006, disponível em <http://migre.me/UleN> (Nota da IHU On-Line)

o “contato vivo com sua pessoa”, sem cair em abstrações metafísicas, ainda que sublimes, sobre o seu ser. Assinala sua dificuldade em crer “num Cristo sem carne”, ou acessar a Jesus como mistério que dá vida só mediante a doutrina. Adverte sobre o risco de converter Jesus Cristo, de forma exclusiva, a um “objeto de culto”, enquanto “ícone venerável”, mas destacado de sua condição de profeta do reino de Deus. Esse é o risco de um Jesus sem reino, de que fala também Jon Sobrino³. Não há como acessar ao verdadeiro significado de Jesus destacando-o de sua relação com o reino de Deus. Como indica Pagola, “o que ocupa o lugar central na vida de Jesus não é Deus simplesmente, mas Deus com seu projeto sobre a história humana”.

3 Jon Sobrino: teólogo espanhol, jesuíta, que em 27-12-1938 entrou para a Companhia de Jesus e em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha). É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latinoamericana de Teologia e do Informativo “Cartas a las Iglesias”, além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teologia Concilium. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas *Notícias do Dia*, bem como o artigo *A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino*, publicada na editoria Teologia Pública, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da IHU On-Line, de 28-03-2007, disponível para download em <http://migre.me/UHJB>. A IHU On-Line também produziu uma edição especial, intitulada *Teologia da Libertação*, no dia 02-04-2007. A edição 214 está disponível em <http://migre.me/UHKA>. Sobre a censura do Vaticano a Sobrino, confira: *Teólogos espanhóis criticam a condenação de Jon Sobrino*, disponível em <http://migre.me/UHKF>, ‘*Jon Sobrino, com o tempo, será rehabilitado*’, afirma Ernesto Cavassa, disponível em <http://migre.me/UHL3>, *Notificação a Jon Sobrino. Teólogos apelam por reforma da Congregação para a Doutrina da Fé*, disponível em <http://migre.me/UHLk>, *O caso Jon Sobrino como sintoma. Um artigo de Andrés Torres Queiruga*, disponível em <http://migre.me/UHLN>. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - É plausível fazer uma aproximação do livro de Pagola com as obras inaugurais da teologia da libertação no âmbito da cristologia?

Faustino Teixeira - Essa comparação surge de forma imediata. Todos os que fomos formados na perspectiva da teologia da libertação sentimos grande familiaridade com a reflexão apresentada por Pagola. Os temas e o enfoque são muito comuns. Não há como deixar de recordar as clássicas passagens de *Jesus Cristo Libertador*, de Leonardo Boff ou de *Jesus na América Latina*, de Jon Sobrino. A leitura do livro de Pagola traz novamente à baila reflexões que marcaram decisivamente a formação de inúmeros teólogos e teólogas latino-americanos e nos provoca a todos para um exercício teológico mais ousado e corajoso nesse tempo de encurtamento eclesial.

IHU On-Line - Em sua obra, Pagola busca distinguir a ação de Jesus com respeito à missão de João Batista. Como sinalizar essa diferença?

Faustino Teixeira - Essa foi uma dentre outras questões que provocaram a reação ao livro de Pagola. Sabemos das resistências impostas ao livro pela Comissão Episcopal para a Doutrina da Fé da Conferência Episcopal Espanhola. Em nota a respeito, publicada em junho de 2008, essa comissão apontou algumas dificuldades percebidas pelos bispos, uma das quais tocava a questão do “obscurecimento da realidade do pecado e do sentido do perdão”. Para os bispos da Comissão, a contraposição estabelecida por Pagola entre a missão de João Batista e Jesus acabou silenciando sobre a realidade do pecado. Mas não é assim que Pagola percebe as coisas. Há que entender esta distinção com base no âmbito geral da obra e de seu objetivo. De fato, Pagola estabelece uma diferença entre as duas atuações. Assim como o profeta João Batista, que o precede, Jesus busca captar a vontade de Deus, mas num horizonte distinto. Seu estilo de vida é festivo, marcado pelo tônus da alegria. Vai dedicar-se “a algo que João nunca fez: curar os enfermos que ninguém curava, aliviar a dor de pessoas abandonadas, tocar leprosos que ninguém tocava, abençoar e abraçar crianças”. As palavras de Jesus não traduzem a “dura linguagem do deserto”, mas é envolvida

de esperança e poesia. O que busca trazer é uma Boa Notícia, de uma alegria que será para todos. Enquanto a missão do Batista estava vinculada à questão do pecado, o projeto de Jesus tinha como objetivo algo mais amplo e universal: aplacar o sofrimento dos mais excluídos e necessitados, anunciando-lhes uma Boa Notícia. Isso é o que era mais determinante para ele. Isso não significa, como admite Pagola, que o pecado não o preocupasse, mas para ele o pecado mais grave e de maior resistência ao anúncio do reino “consiste precisamente em causar sofrimento ou tolerá-lo com indiferença”.

IHU On-Line - Como podemos responder hoje à pergunta: quem foi Jesus?

Faustino Teixeira - Jesus foi alguém apaixonado pelo reino de Deus e que viveu em profundidade a dinâmica de acolhida, hospitalidade e compaixão pelos outros. Foi alguém que trouxe à tona a possibilidade da alegria e da esperança em tempos propícios à apatia e exclusão. Sua mensagem ou Boa Nova colocou no centro do cenário a bem aventurança dos pobres e a exigência de partilha de sua causa. Concordo literalmente com Pagola quando afirma que não há como aproximar-se dele sem sentir-se atraído e fascinado por sua pessoa, pelo carinho, delicadeza e ternura com que trata os outros, independente de seu gênero, etnia ou religião. O que fala mais alto em Jesus é o seu testemunho de vida, e é este que devemos buscar seguir em nossa trajetória existencial. É importante sublinhar também que o segredo desta atuação profética está na forma singular de sua relação amorosa com Deus. É Deus mesmo, com seu projeto, que está no centro de sua vida, como Presença que o transforma interiormente e facilita a tonalidade de sua vida de abertura, acolhida e compromisso gratuito com os outros. E Jesus apresenta-nos um Deus profundamente interessado pelos humanos, um Deus de entranhas de compaixão, um Deus que não é propriedade de religião alguma pois é Pai de todos, um Deus que é movimento e transformação. Todos podem invocá-lo como Pai, assim como o fez Jesus. Está acessível a qualquer um, manifestando-se abertamente a partir do segredo do coração.

Jesus: um apaixonado por Deus e pelas pessoas

Na visão do biblista Francisco Orofino, Jesus veio mostrar que todos nós podemos nos tornar divinos. Mas o caminho de nossa divinização exige de nossa parte a mais profunda humanização

POR GRAZIELA WOLFART

“**C**reio que sempre é difícil para alguém perceber que sua proposta de amor, perdão, justiça, igualdade e fraternidade encontrou uma grande resistência por parte daqueles que falam e agem em nome de Deus. Jesus fez, antes de tudo, um enfrentamento religioso com as autoridades religiosas de sua época. E isso nunca é fácil. Ele teve que enfrentar a religião institucional nos lugares em que passava, defendendo as pessoas marginalizadas pela religião. Quando será que ele chegou à conclusão de que as práticas religiosas de seu tempo afastavam as pessoas de Deus? E que a Teologia oficial legitimava a exclusão de grande parte do povo dos serviços religiosos no Templo? E, uma vez tendo chegado a estas conclusões, quando será que ele decidiu partir abertamente para o confronto (cf Lc 9,51)? Tais conclusões com as respectivas atitudes práticas também não foram fáceis para Jesus”. A reflexão é do teólogo biblista Francisco Orofino. Na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele afirma que, sem dúvida, o momento mais difícil na vida de Jesus “foi perceber para onde este confronto desigual o estava conduzindo e, mesmo assim, sabendo que havia uma cruz na virada do caminho, manter-se fiel ao projeto de Deus e às esperanças daqueles e daquelas que o seguiam, sem cair na tentação de fugir”. E acrescenta: “a grande escola de Jesus foi a casa familiar, a Palavra na comunidade e a história de seu povo vivida numa época de grande turbulência social, política e religiosa”.

Francisco Orofino ministra aulas para leigos no Seminário Paulo VI, em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. É também biblista e educador popular. Assessora grupos populares e comunidades de base nos municípios da Baixada Fluminense. É autor de vários livros e leciona em Institutos de Teologia voltados para a formação de leigos. É assessor nacional do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos). Fez doutorado em Teologia Bíblica na PUC-Rio (2000). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor descreve o processo de aprendizagem de Jesus, na condição de ser humano?

Francisco Orofino - Temos que entender o processo de aprendizado de Jesus dentro da vida cotidiana de uma aldeia da Galileia no primeiro século da Era Cristã. Ao nascer, uma criança pertencia à mãe. A mãe era a única professora, catequista, mestra que uma criança tinha. Assim, competia à mãe ensinar a língua, a religião, as tradições religiosas, as tradições familiares, enfim, tudo que fosse importante na vida daquela criança: andar, falar, comer, vestir-se, conviver, rezar, trabalhar, pensar... Temos que entender que a formação de Jesus começa em casa,

e sob forte influência materna. Jesus viveu muito tempo neste ambiente familiar e comunitário. E neste ambiente comunitário, profundamente religioso, a leitura e a vivência da Palavra eram muito importantes. Se de fato Jesus sabia ler e escrever, deve-se à escola dos escribas que funcionava junto às sinagogas. Mas a vida familiar de Jesus é muito conflitante. Depois que começou sua itinerância, os parentes pensam que ele ficou maluco e queriam que ele voltasse para casa (cf. Mc 3,20-21). Nazaré era uma pequena aldeia, com horizontes muito limitados e fortes preconceitos. Jesus deve ter sido motivo de vergonha para alguns de seus parentes. Não sabemos exata-

mente quando Jesus saiu de Nazaré. O evangelho de Marcos insinua que ele teve moradia em Cafarnaum (Mc 2,1). De qualquer forma, os evangelhos são unânimes em dizer que a vida pública de Jesus começa depois que João Batista foi preso. Isso mostra que a inserção de Jesus nos movimentos populares proféticos de sua época, como o movimento do Batista, foram importantes em sua formação humana. Em resumo, a grande escola de Jesus foi a casa familiar, a Palavra na comunidade e a história de seu povo vivida numa época de grande turbulência social, política e religiosa.

IHU On-Line - Quais os fatos históri-

cos mais significativos dos 30 anos de Jesus em Nazaré?

Francisco Orofino - Creio que os fatos históricos mais significativos na vida de Jesus estão relacionados com a ocupação romana e a administração herodiana feita em nome de Roma. Logo após a morte de Herodes, o Grande (4 aC) explodiram muitas revoltas na Judeia e na Galileia. Este clima de violências e de revolta vai durar até a grande guerra judaica contra Roma, entre 66 e 73 d.C. Portanto, Jesus viveu um dos períodos de maior turbulência política e religiosa da história da Palestina. Quando da grande revolta após a morte de Herodes, a capital da Galileia, Séforis, distante uns 8 km de Nazaré, foi totalmente arrasada e sua população escravizada. Neste período, em Nazaré, o menino Jesus, “crescia em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e dos homens” (cf. Lc 2,52). Estas revoltas que surgem depois da morte de Herodes mostram que o povo está à procura de um rumo. Surgem muitos líderes apontando a realização das antigas promessas feitas por Deus ao povo ao longo da história. O povo começa a seguir muitos líderes populares como Judas, o Galileu e Teudas (cf. Atos 5,36). Esta movimentação popular aumentará sempre mais a repressão romana. Esta tensão político-religiosa sem dúvida foi marcante na vida de Jesus. Como estes fatos chegavam e repercutiam numa pequena aldeia como Nazaré, fica difícil de dizer e de imaginar. O que podemos deduzir é que num determinado momento de sua vida, Jesus sai de Nazaré e vai trabalhar em Cafarnaum. Pode ter sido mesmo por questões de trabalho e de sobrevivência. Em Cafarnaum tem uma proximidade muito grande com as colônias de pescadores. Dos seus doze apóstolos, cinco são pescadores, provavelmente gente sem instrução. De lá Jesus se insere no movimento popular do Batista. Depois da prisão do Batista, Jesus começa sua pregação. Seus primeiros discípulos também saem do movimento do Batista (cf. Jo 1,37).

IHU On-Line - Quais os momentos mais difíceis vividos pelo Jesus homem?

Francisco Orofino - Creio que sempre

“Jesus viveu um dos períodos de maior turbulência política e religiosa da história da Palestina”

é difícil para alguém perceber que sua proposta de amor, perdão, justiça, igualdade e fraternidade encontrou uma grande resistência por parte daqueles que falam e agem em nome de Deus. Jesus fez, antes de tudo, um enfrentamento religioso com as autoridades religiosas de sua época. E isso nunca é fácil. Ele teve que enfrentar a religião institucional nos lugares em que passava, defendendo as pessoas marginalizadas pela religião. Quando será que ele chegou à conclusão de que as práticas religiosas de seu tempo afastavam as pessoas de Deus? E que a Teologia oficial legitimava a exclusão de grande parte do povo dos serviços religiosos no Templo? E, uma vez tendo chegado a estas conclusões, quando será que ele decidiu partir abertamente para o confronto (cf Lc 9,51)? Tais conclusões com as respectivas atitudes práticas também não foram fáceis para Jesus. Mas, sem dúvida, o momento mais difícil foi perceber para onde este confronto desigual o estava conduzindo e, mesmo assim, sabendo que havia uma cruz na virada do caminho, manter-se fiel ao projeto de Deus e às esperanças daqueles e daquelas que o seguiam, sem cair na tentação de fugir.

IHU On-Line - Qual a importância do sofrimento humano de Jesus para a compreensão de sua divindade?

Francisco Orofino - A palavra que geralmente define este sofrimento humano de Jesus é a palavra “paixão”. Ora, nos relacionamentos humanos, a palavra “paixão” é muito positiva. Define um sentimento gostoso e intenso. Quem já sentiu e viveu uma grande paixão sabe disso. Como canta Vinícius de Moraes “quem nunca curtiu uma paixão, nunca vai ser nada não!” Ora, a palavra “paixão” relacionada

a Jesus toma uma conotação negativa, de sofrimento doloroso. E de um sofrimento necessário e pedido por Deus. Como se Jesus só poderia demonstrar sua divindade assumindo o sofrimento humano. Eu penso que temos que recuperar a palavra “paixão” em Jesus de maneira muito positiva: Jesus era antes de tudo um apaixonado por Deus e pelas pessoas. E trouxe, em seus gestos e palavras, uma proposta de um Deus amoroso e apaixonado. E aqui temos que entender a dor de Jesus. Nada dói mais do que a gente perceber que nossa proposta de amor apaixonado está sendo rejeitada pela pessoa amada. Como lembra o evangelho de João: “veio para os seus, mas os seus o rejeitaram!” (cf. Jo 1,11). Rejeição dói. Rejeição de um amor livre e gratuito dói mais ainda. Manter-se fiel a este amor, mesmo se sabendo rejeitado, revela algo do rosto divino de Jesus.

IHU On-Line - Quais as características humanas mais interessantes de Jesus?

Francisco Orofino - Creio que a principal característica humana de Jesus era a de ele ser uma pessoa absolutamente normal. Jesus não era um asceta, como esperamos de qualquer líder religioso. Ele não fazia retiros prolongados, nem jejuns penitenciais. Pelo contrário, era um festeiro. Por isso era conhecido como “comilão e beberrão” (Mt 11,19). Este espírito de festa, de acolhida e de convivência, principalmente com as pessoas marginalizadas, deve ter causado muito impacto na vida das pessoas simples da época. É como se Jesus dissesse: é impossível ser amigo desta gente toda e ao mesmo tempo ser conivente com o sistema religioso que os marginaliza. Esta cordialidade de Jesus para com todos, especialmente com as mulheres, causou estranheza nos próprios discípulos (Jo, 4,27).

IHU On-Line - Como podemos entender melhor as frases “Jesus é humano, muito humano, ‘tão humano como só Deus pode ser humano’” (Papa Leão Magno); e “Ele veio nos mostrar o caminho para quem quer ser divino: antes de tudo ser profun-

“Para Jesus, mais importante que o relacionamento com Deus é o relacionamento com as pessoas”

damente humano!”. (Fl 2,6-11)?

Francisco Orofino - Estas frases querem nos ajudar a entender o mistério da Encarnação de Jesus. Desde a revelação de Deus a Moisés no Sinai (Ex 3,7) fica claro que na proposta religiosa judaico-cristã não é o ser humano que se eleva, mas é Deus que desce. E esta descida de Deus, que atinge seu ponto máximo na encarnação de Jesus, é provocada pelo grito do pobre, do marginalizado, do excluído, do escravizado. A mais antiga reflexão que temos sobre a encarnação de Jesus é o hino que Paulo transcreve na carta aos filipenses. Paulo constata que o movimento natural dos seres humanos é querer ascender, atingir o topo, suplantando todos ao redor. Ao apresentar o hino, Paulo lembra que Jesus estava no topo. Era de condição divina. Mas não se apega a esta posição e começa a descer. E esta descida só acaba na execução pública da crucificação. Mas baixo do que isso, impossível. Mas é exatamente quando Jesus atinge este ponto máximo de humilhação que o Pai o exalta e o eleva. Fica claro então os inúmeros paradoxos de Jesus: “quem quiser ganhar a vida vai perder... quem souber perder a vida por amor, vai ganhar...” (cf. Mc 8,35 e paralelos). Jesus veio mostrar que todos nós podemos nos tornar divinos. Mas o caminho de nossa divinização exige de nossa parte a mais profunda humanização. Temos que nos abrir para a convivência com os outros. Para Jesus, mais importante que o relacionamento com Deus é o relacionamento com as pessoas. Este deve ter sido um dos pontos centrais na pregação de Jesus. Assim registra de maneira radical a Primeira Carta de João: quem não ama seu irmão é assassino! (1Jo3,15).

A humanidade de Jesus como divindade e amor

José Ignacio González Faus acredita que depois de Jesus fica muito claro e normativo que toda a moral se condensa no amor desinteressado ao próximo

POR GRAZIELA WOLFART

Na entrevista que aceitou conceder por e-mail para a IHU On-Line, o teólogo jesuíta González Faus alerta que o risco de deixarmos de lado a humanidade de Jesus “é que daí ficamos com um Deus falso, porque a humanidade de Jesus é a única imagem, ou o único rosto que temos de Deus”. E explica: “por ter desatendido a humanidade de Jesus, boa parte da teologia tradicional eliminou por completo o caráter ‘revelador de Deus’ em Jesus, e ficou só com seu caráter ‘redentor’. Isso foi fatal, ainda que possa compreender-se como o pedágio pago pela inculturação do cristianismo no mundo grego. E hoje é imprescindível superar isso porque senão estaremos anunciando a um deus falso: ao deus de Platão ou de Aristóteles, mas não ao Deus de Jesus”. González Faus ainda acrescenta que “a fé em Jesus Cristo implica hoje uma conversão não só de nossa dimensão ‘pagã’ ou incrédula, como também de nossa dimensão religiosa”.

José Ignacio González Faus é jesuíta, doutor em Teologia, e foi professor de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia de Barcelona e na UCA, de San Salvador. Além disso, lecionou como professor convidado em vários países da América Latina. Atualmente é responsável acadêmico do Centro de Estudos “Cristianismo e Justiça”. Entre as suas obras mais importantes, citamos: *A Humanidade Nova - Ensaio de Cristologia*, e *Acesso a Jesus*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor descreve o rosto humano de Jesus?

José Ignacio González Faus - Podemos nos valer das duas expressões que mais são ditas sobre ele nos evangelhos: “lhe comoveram as entranhas”; “se admiravam de sua *eksousía*” (palavra que traduzirei em seguida); e de outras duas que aparecem exclusivamente em sua boca: se autodenominava “O Filho do Homem”, e acusava a muitos homens religiosos de seu tempo de “hipócritas”.

a.- Jesus viveu pela terra com as

entranhas comovidas pela dor dos homens. Essas entranhas comovidas são a fonte da liberdade e da autoridade com que atua.

b.- A palavra *eksousía* não traduzi porque em grego significa liberdade e autoridade. O Novo Testamento a usa com ambos os significados, às vezes mudando em um mesmo texto: Jesus chama a atenção por uma liberdade que é fonte de sua autoridade, não fala nem atua segundo os clichês oficiais, mas segundo sua experiência da vontade de Deus. E certamente, creio que não há maior fonte de liberdade que uma experiência profunda

¹ Exousia: poder, autoridade, liberdade. (Nota da IHU On-Line)

de Deus, de Jesus e que essa liberdade engendra sempre uma autoridade que não é exterior (como a de nossas autoridades que Santa Teresa chamava “postilhas”), mas que brota de dentro.

c.- Além disso, Jesus se qualificava a si mesmo como “O Homem” (com uma expressão aramaica ambígua - “Filho do Homem” - que pode significar simplesmente “ser humano”, mas pode ser também um título de dignidade: se autodefine desde essa ambiguidade de homem que inclui a pequenez e a grandeza máximas). E, sendo judeu até a medula, entra às vezes em conflito porque também seu povo havia caído no que é a máxima tentação de toda religiosidade: usar a Deus em proveito próprio.

d.- Jesus costumava chamar isso de hipocrisia, palavra que vem do teatro grego (e que, segundo alguns críticos, Jesus pode ter aprendido em Séforis, cujo teatro parece haver estado em construção ou remodelação na época de Jesus e onde alguns suspeitam que pode ter ido vender suas pequenas manufaturas). Essa hipocrisia volta aos homens enormemente “cegos” (outra palavra que também aparece muito nos lábios de Jesus).

IHU On-Line - Como o senhor responde hoje à pergunta: quem foi Jesus (do ponto de vista histórico)?

José Ignacio González Faus - Se tem escrito milhares de páginas para responder a essa pergunta. O que direi deverá ser muito simples. Jesus era um judeu até a medula que, não obstante, entrou em conflitos muito sérios com o setor mais poderoso do judaísmo de seu tempo. Era um homem até o tutano, o que resulta conflituoso (e sedutor também) para todo o gênero humano. Deduzia como iminente a chegada de uma nova situação humana que ele qualificava, com o léxico de seu tempo, como “reinado de Deus” e que significa duas coisas: a) uma situação na qual nenhum poder terreno reina sobre o homem (o que mais tarde chegará a conflitos com o Imperador) e b) uma situação na qual se torna claro que Deus “faz justiça aos oprimidos, dá pão aos famintos,

“A fé em Jesus é uma dura crítica a esse niilismo descafeinado de nossa pós-modernidade que utiliza o desengano como desculpa para a própria preguiça”

liberta os cativos, dá vista aos cegos, sustenta aos que sucumbem, ama aos justos, acolhe aos peregrinos, recebe o órfão e a viúva, e transforma o caminho dos malvados”. Em uma situação assim, diz o salmo 145 que então “Deus reina”. E isso era o que Jesus anunciava.

IHU On-Line - Em que sentido a realidade do Jesus histórico pode interferir nas origens da fé cristã?

José Ignacio González Faus - Na fé cristã interferem decisivamente não só a realidade do Jesus histórico antes esboçada, mas seu destino. Jesus fracassou historicamente; e triunfou meta-historicamente: sua morte na cruz foi a “desautorização de sua pretensão” (Moltmann), feita em nome de Deus. E sua ressurreição é a confirmação desta pretensão da parte de Deus, com alguns alcances insuspeitos: porque sua ressurreição inclui a todos nós em um duplo sentido: a) inclui a todo o gênero humano, além do judaísmo, com o que a chegada do Messias (o do Reino) significa para a universalização da promessa, mais que seu cumprimento absoluto. E b) afeta não só a vítima (e n’Ele a todas as vítimas da história), como também aos carrascos e cúmplices daquele destino. Eu costumo dizer que a páscoa ilumina a cruz, mas não a elimina. Não a elimina porque a cruz é histórica e a páscoa meta-histórica. Mas a ilumina porque a Meta-história é o fundamento de uma história com sentido e concebida como progresso. O céu do além não elimina esta terra, mas a ilumina: porque não pode haver fé cristã sem uma tentativa de *ante-*

cipar o céu na terra. E digo apenas antecipar, não traduzir ou substituir o céu pela terra, porque isso só leva a criar infernos.

IHU On-Line - Quais os principais impactos que Jesus provocou na sociedade de sua época?

José Ignacio González Faus - É preciso expressá-los de maneira dialética: a esperança e o desconcerto (que terminam na pergunta: quem pode ser este?); a sedução e a subversão (que põem em marcha o seguimento com seus riscos); e a irradiação e as dificuldades (que convertem o “ir com Ele” em “tomar a cruz de cada dia”).

IHU On-Line - Como a postura humana do nazareno influi na base moral do cristianismo?

José Ignacio González Faus - Depois de Jesus fica muito claro e normativo que toda a moral se condensa no amor desinteressado ao próximo e que toda moralidade à margem desse amor (não digamos contra ele) deixa de ser moralidade e se converte em fariseísmo. Isto pode não ser de todo novo, mas agora se explicita e se reafirma muito mais. Pois bem: o amor chega muito mais além que a “lei”: obriga menos, mas pode pedir mais. Isso abrirá a porta para que, devendo haver uma moral “racional” comum a todos e útil para viver na comunidade humana, pode haver demandas e responsabilidades maiores precisamente para os cristãos. (Devo acrescentar com dor que às vezes a Igreja oficial parece proceder ao contrário).

IHU On-Line - Quais os riscos de se deixar de lado a humanidade real de Jesus?

José Ignacio González Faus - O risco é que daí ficamos com um Deus falso, porque a humanidade de Jesus é a única imagem, ou o único rosto que temos de Deus. Por ter desatendido a humanidade de Jesus, boa parte da teologia tradicional eliminou por completo o caráter “revelador de Deus” em Jesus, e ficou só com seu caráter “redentor”. Isso foi fatal, ainda que possa compreender-se como o pedágio pago pela inculturação do cristianismo no mundo

grego. E hoje é imprescindível superar isso porque senão estaremos anunciando a um deus falso: ao deus de Platão ou de Aristóteles, mas não ao Deus de Jesus. Com muita razão escreveu Bonhoeffer em suas cartas da prisão que “o Deus que se revela em Jesus põe do avesso tudo o que o homem religioso espera de Deus”. E daí que a fé em Jesus Cristo implique hoje uma conversão não só de nossa dimensão “pagã” ou incrédula, como também de nossa dimensão religiosa.

IHU On-Line - Em que medida conhecer melhor o Jesus homem pode contribuir para a construção da sociedade e da cultura pós-moderna e para o diálogo inter-religioso?

José Ignacio González Faus - a.- Primeiro: creio que a fé em Jesus poderia libertar toda a Modernidade da qual viemos, da converção em “maldição da lei” que - como já dizia Pedro no “concílio de Jerusalém” - acaba impondo cargas insuportáveis, e que gerou a reação pós-moderna, tão desenganada dos ideais de nossa Modernidade como podia estar o “fariseu irrepreensível” (Paulo) de sua antiga militância fariséia. Mas, a fé em Jesus é uma dura crítica a esse niilismo descafeinado de nossa pós-modernidade que utiliza o desengano como desculpa para a própria preguiça, e que ficou só com o progresso tecnológico da Modernidade, e com a redução dos direitos humanos a só “meus próprios direitos” (que acabam sendo meus próprios egoísmos). Neste sentido poderia se dar, desde Jesus, algo que se tem reclamado tanto desde o cristianismo como desde fora dele: uma crítica séria da Modernidade, feita *de dentro dela mesma*.

b.- Segundo: entendo o diálogo como diálogo da vida: convivência e colaboração; não como diálogo no sentido intelectual que (a meu modo de ver) é algo que só pode acontecer quando já existe de veras o outro diálogo da vida, sob pena de converter-se em um exercício pouco útil de esgrima intelectual. A partir daqui, contestaria: Todas as religiões podem ser chamadas, sem perder sua

“A interpelação do homem Jesus sobre a identidade entre amor, misericórdia e liberdade e sobre a sacralidade de ‘pobres e enfermos’, vale para todos os homens”

identidade, a seguir a Jesus, ainda que não sejam chamadas a crer n’Ele. A interpelação do homem Jesus sobre a identidade entre amor, misericórdia e liberdade e sobre a sacralidade de “pobres e enfermos”, vale para todos os homens, em minha opinião. O cristão não poderá pedir aos homens de outras religiões que olhem a cruz de Jesus como “morte de Deus”, mas sim que a erijam às vítimas da terra e da história no “controle de qualidade” que deve atravessar toda fé em Deus venha de onde vier e sem negar nenhuma das verdades que possa aportar. Neste sentido, gostaria de dizer que, mais que teocentrismo, cristocentrismo ou eclesiocentrismo, o ponto comum a todas as religiões deve ser um antropocentrismo pneumatológico.

IHU On-Line - Qual a importância da humanidade de Jesus para a compreensão de sua divindade?

José Ignacio González Faus - A humanidade de Jesus nos leva a compreender a divindade não como poder, mas como amor. O balanço de todo o Novo Testamento foi a frase da primeira carta de João “Deus é Amor”, e não: Deus é poder. E a chamada onipotência de Deus deve ser entendida como o poder débil do amor. Sintomático deste esquecimento me parece a constante presença, nas orações da Igreja, do adjetivo “Deus Todo Poderoso”. Esse adjetivo está ausente na Bíblia: só se acalenta no Apocalipse, para apoiar os cristãos perseguidos recordando que, apesar

de tudo, Deus é mais forte que seus perseguidores e continua tendo a última palavra sobre a história. Logo passa para a linguagem eclesial desde a visão neoplatônica de Deus que difunde o chamado Pseudodionísio. E quero acrescentar que isto tem consequências importantes: já no século II, Santo Ignacio de Antioquia, em uma de suas cartas, critica os que negavam que o messias veio “na carne” (onde a palavra carne não tem só o sentido neutro de matéria, mas um sentido mais negativo de pouquidão humana). E a crítica que lhes faz é: *precisamente por isso* não se preocupam dos pobres, nem do órfão, nem da viúva, nem do amor aos irmãos... A Humanidade de Jesus nos força a buscar a Deus não em uma suposta “verticalidade” abstrata, mas em uma horizontalidade transformada e agraciada pela presença de Deus nela. Com uma frase dita muitas vezes: Deus se encarnou para que não lhe buscássemos nas igrejas, mas nos irmãos. Se vamos, se devemos ir, à Igreja não é para encontrar a Ele, mas para buscar a luz, o calor e a força que nos permitam encontrá-lo nos irmãos.

IHU On-Line - O senhor leu o livro de José Antonio Pagola Jesus. Aproximaciones históricas? Qual o segredo singular de Jesus que transparece nessa obra de Pagola?

José Ignacio González Faus - O que aconteceu com seu livro (deixando de lado dolorosas iniciativas de autopromoção e de carreira eclesial em algum perseguidor) é que a humanidade de Jesus é hoje também uma ameaça para a instituição eclesial, igual a que foi para a “igreja” judaica de seu tempo. E isto assustou muitas autoridades. Ao contrário, muita gente afastada ou sem fé (porque só viam na igreja oficial um Cristo luminoso, mas sem rosto, que servia para justificar muitas pretensões pouco evangélicas de poder), descobriram no livro de Pagola o aspecto sedutor da humanidade de Jesus. Isso foi tudo. E desgraçadamente tem sido causa de muitos sofrimentos que a autoridade eclesial nunca deveria infringir.

Jesus: o profeta da Galileia

Para o historiador e exegeta francês Jacques Schlosser, os evangelhos do Novo Testamento permanecem como fontes essenciais à disposição dos historiadores

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Na entrevista que aceitou conceder por e-mail à revista IHU On-Line, o professor Jacques Schlosser explica que “a relação entre o retrato histórico de Jesus e a cristologia afirmada nas comunidades após a Páscoa pode ser compreendida como uma passagem do implícito ao explícito”. Em suma, destaca ele, “entre Jesus, o profeta cuja história nos dá uma imagem de traços relativamente nítidos e o Cristo da confissão cristã, os elementos de continuidade não faltam”.

Jacques Schlosser é exegeta, professor na Faculdade de Teologia Católica de Strasbourg (Université Marc Bloch). De sua vasta produção bibliográfica, citamos *La Recherche De La Parole: etudes D'exegese Et De Theologie Biblique* (Paris: Editions Du Cerf, 2006), *The Catholic Epistles And The Tradition* (Leuven: Peeters Pub & Booksellers, 2004), *Le Dieu De Jesus: etude Exegetique* (Paris: Editions Du, 1987) e *Le Regne De Dieu Dans Les Dits De Jesus* (Paris: J. Gabalda, 1980). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quem foi o Jesus, profeta da Galiléia, do ponto de vista histórico?

Jacques Schlosser - Encontro, em sua questão, o essencial da resposta. Jesus foi efetivamente um profeta da Galileia. Seu pertencimento incontestado à Galileia impeliu certos pesquisadores a explicações ousadas da figura de Jesus. Uma pretendida helenização massiva da Galileia e, correlatadamente, uma suposta ruptura da Galileia com Jerusalém, a cidade do templo e o coração de Israel, forneceram a esses pesquisadores o pano de fundo que permitia transformar a figura de Jesus para dela fazer um filósofo ou um sábio cínico. Esta tese ousada parece estar sendo agora abandonada, o que não é razão suficiente para que se dissocie totalmente Jesus da figura social do sábio. Mas, a figura social que “cola” melhor com os dados disponíveis é a do profeta. Ela era muito atual no país dos judeus no primeiro século da era cristã, como sabemos graças ao testemunho de Flávio Josefo, historiador judeu. Um dos profetas mencionados por Josefo não é senão João Batista, que de certo modo foi o mentor de Jesus. Os dados internos

ao Novo Testamento confirmam a atualidade da figura do profeta e precisamente, sob diversos aspectos, que ela serviu de chave aos contemporâneos para compreender Jesus. Tem-se disso um belo eco em duas passagens de Maré que relatam a concepção do povo. Pouco a pouco, Jesus é identificado com João Batista ressuscitado, com Elias, com um dos profetas (Mc 6, 14-15 e 8, 28).

IHU On-Line - Como podemos compor um retrato cientificamente histórico de Jesus?

Jacques Schlosser - A história não é uma ciência exata cujo andamento chegaria a uma proposição incontestável baseada em provas irrefutáveis. O método do historiador comporta aspectos que fazem dele, ao mesmo tempo, uma arte. Por conseguinte, a história é uma disciplina que tem suas regras, um método rigoroso, tanto na investigação das fontes como em sua interpretação. No caso particular do estudo histórico de Jesus, as fontes profanas são raras e sua contribuição muito reduzida. Recentemente foi preciso clarear a questão das fontes cristãs exteriores ao Novo Testamen-

to ou, em outras palavras, aquelas que não estão contidas no cânon das Escrituras. Trata-se essencialmente de evangelhos ou de fragmentos evangélicos classificados como “apócrifos”, mas que seria melhor chamar simplesmente “não canônicos”. Após um período de excessiva admiração, durante o qual se tentou valorizar essas fontes outrora negligenciadas, voltou-se a uma apreciação mais sóbria e mais crítica, concedendo um lugar particular ao Evangelho de Tomás, que permanece como fonte válida quando considerado caso a caso. Ao lado das fontes arqueológicas que aguçaram singularmente, nesses últimos anos, nosso conhecimento do contexto ambiental de Jesus e dos discípulos, os evangelhos do Novo Testamento permanecem como fontes essenciais à disposição dos historiadores. Mas, o que é um evangelho? Uma espécie de biografia escrita à luz da fé pascal e destinada a fazer nascer ou a confortar a fé junto ao leitor. Dois evangelhos o dizem claramente: não se trata de um escrito que informa de maneira neutra sobre a carreira de Jesus, mas do testemunho de um crente que quer suscitar a fé (Lc 1,4; Jo 20,30-31). Há

casos bastante claros em que os evangelistas atribuem a Jesus um discurso em função de uma situação que não existia como tal durante sua vida. Mt 18, 15-17 é um exemplo disso difícil de contestar. Em vista disso, o historiador deve examinar a questão com mais atenção para valorizar, em primeiro lugar, aquelas palavras e gestos de Jesus que oferecem uma base sólida.

Crítérios de confiabilidade

Para realizar esta tarefa a crítica bíblica elaborou pouco a pouco critérios de confiabilidade. Um deles responde a uma prática constante dos historiadores, a convergência das fontes independentes. Quanto mais fontes convergentes houver, mais o julgamento crítico está assegurado. Falar-se-á, pois, de atestação múltipla quando Mc, a dupla tradição, a fonte particular de tal ou tal evangelho (Mt e/ou Lc), e o evangelho de João atestam juntos a mesma palavra ou a mesma ação de Jesus. O critério vale em princípio desde que duas fontes independentes convirjam. Outro critério se baseia sobre o embaraço que tal ou tal elemento acabou criando nas comunidades, por exemplo, a injúria feita a Jesus em Lc 7.35, ou o fato de que Judas fez parte dos Doze. Em suma, há coisas que não se inventam e que, portanto, nos fazem atingir o primeiro nível. Um trabalho de investigação rigorosa deve ser feito para que o historiador possa pronunciar-se de maneira válida e integrar tal ou tal elemento em sua apresentação global.

IHU On-Line - Quais as principais diferenças entre o personagem histórico Jesus e o Cristo da fé cristã?

Jacques Schlosser - Os evangelhos foram escritos muito tempo após as primeiras expressões da fé que a luz da Páscoa pôs em destaque. Bem depois, por exemplo, que Paulo desenvolveu sua rica cristologia baseando-se ele próprio em elementos que recebeu de comunidades como a de Antioquia. Nessa primeira geração cristã que precede a escritura dos evangelhos afirma-se muito claramente a messianidade de Jesus, pois lhe é dado o nome muito forte de Senhor; ele é confes-

“A originalidade de Jesus é de recorrer frequentemente às palavras reinado/reino de Deus”

sado como exaltado junto a Deus e se compõe, na ocasião, hinos que cantam sua condição divina, isto é, sua preexistência, pondo-se o acento no caráter salvífico e redentor de sua morte. Começa-se mesmo a lhe atribuir o qualificativo “Deus”. A distância parece, pois, ser muito grande entre a riqueza da cristologia após a Páscoa e os dados dos evangelhos sobre Jesus, o profeta da Galileia. E, no entanto, encontram-se pedras de toque notáveis nos relatos dos evangelhos. Sublinha-se, na ocasião, a proximidade particular de Jesus com o que ele chama seu Pai, de sorte que o título “filho [de Deus]”, muito corrente na tradição judaica para diversos personagens, toma agora uma dimensão nova e particular. Jesus sustenta, na ocasião, que a posição tomada em relação à sua pessoa é determinante para a salvação futura. De maneira global dir-se-á que Jesus exprime uma pretensão de autoridade, fazendo prova de grande liberdade ou inventividade em relação à tradição judaica. Segundo um modelo que muitos historiadores não reconhecem como válido, mas que me parece fundado, esta reivindicação de autoridade implica uma cristologia. A relação entre o retrato histórico de Jesus e a cristologia afirmada nas comunidades após a Páscoa pode, então, ser compreendida como uma passagem do implícito ao explícito. Em suma, entre Jesus, o profeta cuja história nos dá uma imagem de traços relativamente nítidos e o Cristo da confissão cristã, os elementos de continuidade não faltam.

IHU On-Line - Qual a principal mensagem e as ações mais marcantes do profeta da Galileia?

Jacques Schlosser - A razão pela qual o evangelho de João não pode ser posto no primeiro lugar das fontes que

nos informam sobre a mensagem de Jesus é seu silêncio quase completo sobre o reinado ou reino de Deus. Tal é, com efeito - e por uma vez há consenso entre os especialistas - o cerne da proclamação de Jesus e ele é massivamente apresentado nos evangelhos sinóticos. Jesus situa-se muito claramente na herança de Israel que, se ele não fala com muita frequência do “reino de Deus”, reconhece muito claramente a realeza de Deus sobre Israel e utiliza de bom grado a propósito de Deus o verbo reinar. A originalidade de Jesus é de recorrer frequentemente às palavras reinado/reino de Deus. Esta realidade era esperada para o futuro na apocalíptica judaica. Jesus compartilha desta convicção e desta esperança. Ele é mais original quando sublinha que, através de sua pregação e sua ação, o reino de Deus se manifesta desde agora. A palavra “reino” deve, então, ser tomada como conceito dinâmico, isto é, ele designa o exercício de um poder. Segundo Jesus, o poder divino que ele vê em obra é benéfico, a ponto de “reino de Deus” ser a categoria salvífica privilegiada de Jesus. Compreende-se melhor, então, a conexão estabelecida por Jesus entre a vinda presente do reino e sua própria atividade. O agir libertador de Jesus constitui uma parte importante de seus milagres. Ele se faz em benefício dos enfermos e daqueles que o espírito mau retinha em seu poder. Por outro lado, esta dimensão salvífica aparece claramente quando se visa o que eu chamo de bom grado os “clientes” do reino de Deus ou seus hóspedes prioritários. Detecta-se sua presença nas palavras de Jesus, ao mesmo tempo em que ela aparece em seus contatos com o povo. Em Jesus, Deus assume o poder de socorrer os pobres e situa entre os beneficiários de sua ação os publicanos e as prostitutas, ou seja, esses “menos” que são as crianças e os que se lhes assemelham, sem esquecer o grupo mirrado e receoso dos discípulos. Através de Jesus, os desfavorecidos e os marginalizados são os beneficiários inesperados da ação graciosa de Deus. Se a participação no reino não depende de algum mérito, mas da livre iniciativa divina em Jesus, se pode entrever um

elo possível com a doutrina paulina da justificação, e chega-se, assim, à questão precedente.

IHU On-Line - Por que Jesus é considerado uma das figuras mais sedutoras da história?

Jacques Schlosser - Quase não ousou responder a uma questão tão vasta. De um lado, a simpatia que se atribui a Jesus deve ser devida ao testemunho em palavras e em atos que dão, através da história, os que se referem a ele na fé. Suspeito que, por outro lado, o resplendor de Jesus é devido ao seu gênio poético. Dificilmente se esquece alguém que sabe convencer utilizando sabiamente imagens simples e eficazes, como o é, por exemplo, o pequeno desenvolvimento sobre a trave e a palha em Mt 7, 1-5, ou a palavra incisiva “quem põe a mão no arado e depois olha para trás, não é feito para o Reino de Deus” (Lc 9,62). Muitos daqueles que não aderem a Jesus pela fé são provavelmente seduzidos pela atenção prestada por ele, em sua prática social, aos marginalizados e desclassificados e pela nobreza de seu ensinamento ético, tal como ele pode ser descoberto nos materiais postos em forma no sermão da montanha (Mt 5-7). Admira-se também sua notável insistência no perdão. Como eu já fiz por diversas vezes, pronunciando conferências sobre o Jesus da história, para concluir minha resposta sobre este ponto inesgotável, cito um texto de Jean Daniel, editorialista da revista *Le Nouvel Observateur*: “Já que estou nisso, quero concluir sobre Jesus, o Judeu de Nazaré. Sua historicidade, para mim, não é nada redutora. Ela é mesmo exaltante. O homem que fundou o direito (“Que aquele que jamais pecou jogue a primeira pedra”) e a separação da religião e do Estado (“Daí a César o que é de César”) espanta por sua modernidade. Ele funda, ele inaugura, ele anuncia. Ele clareia em todos os problemas atuais do integrismo e da confusão entre o temporal e o espiritual. Quanto àquele que quis compartilhar o sofrimento dos homens, ele é seguramente hoje, neste início de 1994, o ser mais indispensável com que a humanidade jamais sonhou. Cabe a cada um decidir

“O agir libertador de Jesus constitui uma parte importante de seus milagres. Ele se faz em benefício dos enfermos e daqueles que o espírito mau retinha em seu poder. Por outro lado, esta dimensão salvífica aparece claramente quando se visa o que eu chamo de bom grado os ‘clientes’ do reino de Deus ou seus hóspedes prioritários”

se este ser é o filho de Deus” (NO n° 1522, 6 de agosto a 12.01.1994).

IHU On-Line - Como o senhor avalia os relatos do novo testamento sobre o Jesus histórico?

Jacques Schlosser - Respondi a uma parte essencial desta questão a propósito dos evangelhos. Para o resto do Novo Testamento, a messe é bastante magra. Mas Jesus não é esquecido. Ele se beneficia mesmo de uma bela promoção, quando o nome do profeta da Galileia é associado de maneira indelével à confissão dos crentes em inumeráveis fórmulas para as quais, pela força do hábito, não se tributa mais a devida importância: “Jesus Cristo”, o “Senhor Jesus”, etc.... Palavras de Jesus são evocadas cá e lá. Assim, a interdição do juramento numa versão talvez mais primitiva do que aquela do evangelho de Mateus (c. Mt 5, 34-37). Ou então a palavra “há mais felicidade em dar do que em receber”, atribuída ao “Senhor Jesus” em Atos 20,35, mas desconhecida dos evange-

lhos. Para esse tipo de testemunho as cartas de Paulo são particularmente importantes, já que, por sua data, são todas mais antigas do que os evangelhos. Paulo se torna, assim, um testemunho independente dos evangelhos. Ele atesta, pois, que certas palavras de Jesus circulavam nas comunidades bem antes de Marcos, o evangelho mais antigo. Encontram-se em Paulo pelo menos dois casos claros: a sentença de Jesus sobre o divórcio em 1Cor 7,10-11 e a regra do missionário em 1Cor 9,14.

IHU On-Line - Como o senhor define a experiência histórica dos primeiros cristãos a partir da ressurreição de Jesus?

Jacques Schlosser - Primeiramente é preciso sublinhar que a ressurreição abre para o além da história e não pode, por isso, em princípio ser diretamente objeto de uma investigação histórica. Entende-se bem que certos historiadores consideram metodologicamente correto encerrar sua pesquisa com a morte de Jesus. Eu observo que nossas fontes mais antigas não atestam nenhuma testemunha que teria assistido em pessoa à cena da ressurreição. É, pois, preciso reformular em parte a questão e perguntar sobre em que experiência se apóiam os testemunhos que atestam que Jesus não permaneceu sob o poder da morte. Nossas fontes nos fazem duas proposições: a descoberta do túmulo vazio e as aparições pascais. No que concerne ao túmulo, os testemunhos da primeira geração cristã se reduzem a poucas coisas. A menção do túmulo se encontra somente na fórmula de fé que o próprio Paulo recebeu e que reproduziu em 1Cor 15,3-5: “ele foi colocado na sepultura [ou: foi sepultado]” (v. 4). Mas, nenhuma precisão é dada e a própria descoberta do túmulo vazio é passada sob silêncio. Os evangelhos são mais prolixos na matéria quando, em relatos que divergem amplamente entre si pelos detalhes, atestam unanimemente que o túmulo de Jesus foi encontrado vazio (Mc 16,1-8 par.). Mas, observo de passagem, os próprios evangelhos não consideram a sepultura vazia como prova, já que evocam o roubo ou o deslocamento do cadáver

“Através de Jesus, os
desfavorecidos e os
marginalizados são os
beneficiários
inesperados da ação
graciosa de Deus”

como explicações possíveis de um túmulo agora vazio. As aparições pascais, que podemos chamar visões quando nos colocamos do lado do beneficiário humano, abundam nos evangelhos. Mas deve-se, sobretudo, relevar sua presença nas tradições e testemunhos da primeira geração cristã. Além de 1Cor 15,3-5 pode-se realçar precisões autobiográficas de Paulo no seguimento desse texto, mas também em 1Cor 9,1; Gl 1,15-16. Continua evidentemente difícil precisar o que foi esse tipo de experiência. Proponho simplesmente algumas observações.

A surpreendente experiência pascal

Diversamente das visões ordinárias, a experiência pascal não aparece como o produto de uma fé ou de uma expectativa anterior. Ela surpreende. Ela comunica um novo olhar sobre Jesus, de modo que ela pode ser qualificada simultaneamente como objetiva e subjetiva. O recurso à linguagem muito particular do “ele se fez ver” (1Cor 15,5-8; Lc 24,34) que põe tão fortemente o acento na iniciativa do personagem transcendente, e a diferença feita por uma destas testemunhas, Paulo, entre a cristofania e as “visões e revelações” (2Cor 12,1), levam a contar com uma experiência singular. Segundo as testemunhas, alguma coisa lhes adveio do exterior, de maneira inopinada e gratuita. O termo “aparição” é de natureza a evocar uma manifestação desse gênero e, por falta de algo melhor, o vocabulário da objetividade pode convir para ela. O historiador que se atém aos seus próprios métodos pode estabelecer a realidade dessa convicção, mas ele não pode ir mais longe.

Humanamente divino e divinamente humano

Para Carlos Palacio, a recuperação da dimensão humana de Jesus trouxe um grande enriquecimento para fé e a experiência cristã, mesmo à custa de muitos sofrimentos e mal-entendidos

POR GRAZIELA WOLFART

“**P**ara um conhecimento aprofundado de Jesus é tão ou mais importante o testemunho e a interpretação dos seguidores de Jesus do que os dados que possa levantar a pesquisa historiográfica. De fato a pergunta de quem é Jesus é inseparável do que ele suscitou e deu a viver, ou seja, do que dizem dele os que o seguem. Por isso, os escritos do Novo Testamento, reconhecidamente ‘testemunhos de fé pós-pascal’, são igualmente importantes fontes literárias e históricas para o conhecimento de Jesus”. A afirmação é do padre jesuíta Carlos Palacio, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para ele, Jesus “transmitia uma afirmação incondicional da vida, uma capacidade ilimitada de acolher, respeitar e acreditar nas pessoas e uma sensibilidade extrema de sintonia e compaixão diante do sofrimento. Atitudes essas que revelavam Jesus como uma pessoa que se sentia amada e unificada no amor (...) e por isso capaz de amar e dar-se aos outros (amor derramado)”.

Carlos Palacio, SJ, é atualmente o Provincial do Brasil da Companhia de Jesus. Nasceu em Pedreña, diocese de Santander, na Espanha. Ingressou na Companhia de Jesus em 20 de setembro de 1958 e veio para o Brasil em 1959. É naturalizado brasileiro. Coursou as humanidades (juniorado) em Itaiçi e o curso de Filosofia, em Nova Friburgo. Exerceu o estágio de Magistério no Colégio Loyola, de Belo Horizonte, de 1965 a julho de 1967. Daí partiu para Bélgica (Lovaina) onde estudou Teologia de 1967 a 1971. Neste meio tempo foi ordenado sacerdote em Valladolid, Espanha, em 1970. Coursou em Roma estudos de Teologia de 1973 a 1975, doutorando-se em Cristologia. De seus livros, destacamos *Cristianismo e história* (São Paulo: Loyola, 1982) e *Deslocamentos da Teologia, Mutações do Cristianismo* (São Paulo: Loyola, 2001).

IHU On-Line - Do ponto de vista histórico, quem foi Jesus?

Carlos Palacio - Digamos, em primeiro lugar, que ninguém se atreveria hoje a pôr em dúvida a existência histórica de Jesus, (como foi o caso em séculos passados). O interesse pela sua figura histórica não tem cessado de aumentar nas últimas décadas. As principais

fontes literárias para conhecer Jesus são os evangelhos, que não são “biografias” no sentido moderno, mas oferecem as coordenadas básicas - temporais, geográficas e históricas - para situá-lo. Há igualmente testemunhos fora do âmbito cristão como os do historiador judeu Flávio Josefo, os de escritores

romanos como Tácito¹, Suetônio² e Plínio, o Jovem³, cujas referências têm grande valor documental. Muito valiosos igualmente para o conhecimento do contexto da vida de Jesus são os resultados das pesquisas arqueológicas e as diversas abordagens sociológicas e antropológico-culturais da figura de Jesus, como também a aproximação entre Jesus e o judaísmo propriamente dito. Não seria, pois, exagerado dizer que hoje possuímos mais dados sobre a pessoa de Jesus do que os cristãos do primeiro século. A partir desse acúmulo de informações e de um ponto de vista estritamente histórico hoje é possível esboçar com segurança os principais traços da figura histórica de Jesus e do seu itinerário, desde a data do seu nascimento (entre os anos 6 e 4 antes da nossa era) até a sua execução na cruz “sob Pôncio Pilatos” (provavelmente em abril do ano 30).

Contexto geográfico

Jesus era um judeu da Galiléia; provinha de Nazaré, uma aldeia na qual foi criado e que lhe deu o nome pelo qual era conhecido: Jesus de Nazaré. Sua língua materna era o aramaico, com as características daquela região (Pedro, por exemplo, foi reconhecido na casa de Caifás pelo seu sotaque). Em Nazaré viveu Jesus a maior parte da sua vida, filho de artesão e trabalhando com toda probabilidade no mesmo ofício do pai. Por volta dos 30 anos teve contato com o movimento religioso em torno de João Batista; foi no Jordão que teve uma experiência espiritual decisiva na sua vida que o levou

1 Públio (Caio) Cornélio Tácito (55 - 120 d.C.): historiador romano, foi questor, pretor, cônsul, procônsul da Ásia e orador. É considerado um dos maiores historiadores da Antiguidade. (Nota da IHU On-Line)

2 Caio Suetônio Tranquilo (69 - 141 d. C.): escritor latino, dedicou-se às armas e às letras. Escreveu sobre os Doze Césares tendo sido contemporâneo na idade adulta apenas do último de seus biografados, Domiciano. Viveu a era dos cinco bons imperadores (Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio e Marco Aurélio). (Nota da IHU On-Line)

3 Caio Plínio Cecílio Segundo (61 ou 62 - 114): também conhecido como Plínio, o Jovem ou o Novo, foi orador, jurista, político, e administrador imperial na Bitínia (111-112). (Nota da IHU On-Line)

“Ninguém se atreveria hoje a pôr em dúvida a existência histórica de Jesus”

a abandonar a sua família em Nazaré e a começar uma atividade itinerante como profeta que anunciava o “reino de Deus”. Durante três anos escassos Jesus percorreu caminhos e povoados da Galiléia, com incursões na Samaria e passagens por Jerusalém. A sua maneira de falar de Deus como “Abba”, paizinho, e de proclamar o que ele designava como “Reino de Deus”, chamou poderosamente a atenção dos seus contemporâneos. Era uma “boa notícia” que dava novo sentido à vida das pessoas. O povo percebia que a sua “autoridade” não vinha dos livros, mas da coerência com o que ele vivia. O “Reino de Deus” não era uma teoria; nos “atos e palavras” de Jesus, Deus tocava as pessoas nas situações mais concretas da vida (o que os evangelhos chamam as curas miraculosas). Eram “sinais” do que poderia ser a vida humana em sociedade se Deus fosse de fato o “senhor da vida”, se a vida humana fosse organizada segundo o que Deus sonha para os seus filhos e filhas (reinado de Deus).

A animosidade contra Jesus

A fama e autoridade de Jesus cresceram rapidamente entre o povo que o admirava e um grupo reduzido de discípulos que o seguia. Mas esse impacto despertou logo suspeitas entre as autoridades religiosas dos judeus, tanto na Galiléia como em Jerusalém. A animosidade contra Jesus foi crescendo até que, por ocasião de uma festa da Páscoa, as autoridades judaicas confabularam contra ele diante do poder político romano até conseguirem a sua execução. Historicamente, é importante notar que logo depois da morte de Jesus o movimento daqueles que seguiam o seu caminho, os cristãos, anunciaram por todo o império romano que esse Jesus, morto em

mãos dos romanos, vivia; e disso eles eram testemunhas. Para um conhecimento aprofundado de Jesus é tão ou mais importante o testemunho e a interpretação dos seguidores de Jesus do que os dados que possa levantar a pesquisa historiográfica. De fato a pergunta de quem é Jesus é inseparável do que ele suscitou e deu a viver, ou seja, do que dizem dele os que o seguem. Por isso, os escritos do Novo Testamento, reconhecidamente “testemunhos de fé pós-pascal”, são igualmente importantes fontes literárias e históricas para o conhecimento de Jesus.

IHU On-Line - Qual a interpretação mais marcante que se fez da história real de Jesus?

Carlos Palacio - A interpretação da pessoa de Jesus que se impôs na história cristã (que é a história do cristianismo universal) é a interpretação da fé cristã que os discípulos proclamaram à luz da páscoa: esse homem Jesus é o “Cristo”, isto é, um ser enviado e “ungido” por Deus, o próprio Filho de Deus, a expressão humana, encarnada, do próprio Deus (do que Ele é para nós) e da resposta que um ser plenamente humano como Jesus pôde dar a Deus. Durante muitos séculos, praticamente dois milênios, essa síntese entre fé e história foi vivida de maneira espontânea e pacífica; os evangelhos foram lidos, interpretados e vividos como sendo a tradução imediata da história real de Jesus, como verdadeiras “biografias” do acontecido com ele. Foi a partir do século XVIII, com a crítica racionalista aplicada a todos os âmbitos do saber, que se operou uma mudança progressiva na maneira de abordar os textos do Novo Testamento como textos literários, aos quais se podia e devia aplicar também a crítica literária e histórica. Os chamados métodos exegéticos histórico-críticos propriamente ditos só viram a luz no início do século passado. A partir desse momento em muitas instâncias exegéticas e teológicas se introduziu uma ruptura entre o chamado “Jesus histórico” e o “Cristo da fé”, como se fosse possível separá-los a não ser do

ponto de vista metodológico. Mas ao opor o chamado “Jesus histórico” ao “Cristo da fé”, o que poderia ser válido como distinção metodológica se transformou numa espécie de dogma teológico: a história em oposição à fé; o verdadeiro Jesus seria o “Jesus histórico” (entenda-se: o que a exegese possa afirmar como certeza histórica) em contraste com o “Cristo da fé” eclesial.

O Jesus real foi muito mais

Essa separação ou ruptura radical foi prejudicial tanto para a exegese como para a teologia. O “Jesus histórico”, assim entendido, acabou sendo um resíduo extremamente frágil do que a crítica exegética podia afirmar com toda certeza a respeito de Jesus. Na verdade o Jesus real, o que experimentaram e viram do Jesus da história os que com ele conviveram, foi muito mais do que ficou registrado ou do que a exegese possa desentranhar dos textos. Por outro lado, o Cristo da fé cristã não foi nem pode ser uma abstração separada do Jesus da história. Tudo o que a fé cristã afirma de Jesus o afirma da história concreta desse homem de Nazaré. É inegável que a problemática da crítica histórica repercutiu sobre a maneira de ler os evangelhos e de fazer teologia e indiretamente sobre o povo cristão. Mas, tomada no seu conjunto de mais de dois séculos, o seu resultado foi benéfico para a fé cristã: ao provocá-la e desafiá-la, a exegese crítica a obrigou a purificar-se. Hoje sabemos ler os evangelhos não como biografias, mas como relatos do sentido da vida de Jesus à luz da fé. E distinguimos com clareza o que pertence ao conteúdo da fé e o que foram as suas interpretações teológicas ao longo da história.

A dimensão da figura humana de Jesus

Uma das grandes riquezas dessa tumultuada história foi ter obrigado a fé cristã a voltar-se definitivamente para a dimensão da figura humana de Jesus e a sua significação para a vida do cristão e para a história humana. Desde os primórdios, a fé cristã considerou um

“O modo de Jesus viver o amor opera uma reviravolta na nossa maneira humana de pensar o amor”

desvio herético negar que Jesus tivesse vindo “na carne”, como diz S. João. Para os primeiros cristãos era tão importante reconhecer Jesus como Filho de Deus do que confessá-lo vindo na carne e plenamente humano. Inseparavelmente. Por ser algo decisivo para a imagem e a experiência cristã de Deus, assim como para compreender o ser humano à luz de Jesus Cristo. Ora, é preciso reconhecer que a dimensão humana de Jesus tinha ficado na penumbra da fé, ofuscada pela afirmação da sua condição divina. Por isso, a recuperação da dimensão humana de Jesus trouxe um grande enriquecimento para fé e a experiência cristã, mesmo à custa de muitos sofrimentos e mal-entendidos.

IHU On-Line - Como elaborar um discurso sobre o Jesus humano que seja compatível com a diversidade cultural e religiosa da atualidade?

Carlos Palacio - A diversidade cultural e religiosa, o intercâmbio e mesmo o encontro entre as diversas culturas e religiões é um fato característico do nosso mundo globalizado e da mobilidade e deslocamento das populações. Os modernos meios de comunicação e a rapidez dos transportes nos tornam potencialmente testemunhas oculares de qualquer evento e trazem até nós essa diversidade cultural, étnica e religiosa. A diversidade é tão antiga como a humanidade; a novidade está nessa simultaneidade pela qual o “diferente” passa a ser um dado cotidiano da vida de qualquer pessoa. Essa irrupção do “outro” na nossa vida nos faz tomar consciência do caráter limitado da nossa própria experiência cultural e religiosa, e nos obriga a refletir sobre essa diferença. Nesse contexto de encontro entre as diversas culturas e de diálogo inter-reli-

gioso a fé cristã tem que voltar sobre si mesma para tomar consciência da sua “diferença”, daquilo que constitui a sua especificidade. Ao mesmo tempo, tem que ter lucidez crítica para discernir, à luz dessa diversidade de culturas e religiões, o que na sua experiência histórica vem da fé ou da sua identificação com a cultura ocidental. O reconhecimento da particularidade desta cultura torna possíveis outras inculturações da mesma fé e abre o caminho para o diálogo entre a fé cristã e as outras religiões. Sem abdicar para isso da própria especificidade. É grande hoje a tentação de conceber o diálogo como um debate gentil dentro de um terreno “neutro”, no qual cada uma das partes cederia um pouco até chegar à elaboração comum de uma mística trans-religiosa. É o que poderia sugerir a pergunta tal como está formulada: elaborar um discurso sobre o Jesus humano que seja compatível com a diversidade. Esse caminho não leva longe. Mesmo que pareça paradoxal só haverá diálogo, abertura e possibilidade de enriquecimento mútuo indo até o fundo das identidades e diferenças de cada interlocutor. Cabe à fé cristã mostrar que o paradoxo por ela anunciado e sobre o qual repousa - a pessoa de Jesus Cristo, em si mesmo humano e divino, particular e universal - é potencialmente uma “boa notícia” que todo ser humano pode escutar dentro do seu mundo cultural como palavra que ilumina o desejo oculto da sua busca religiosa. Jesus Cristo é, pois, mais uma vez, “sinal de contradição”, pedra de escândalo, isto é, tropeço, causa de queda para uns e de reerguimento para outros, como diz Lucas no início do seu evangelho.

IHU On-Line - Como foi vivida pelo homem Jesus a questão do amor?

Carlos Palacio - O estudo de qualquer personalidade histórica suscita mais cedo ou mais tarde a curiosidade pelo seu mundo interior: como entendeu a sua vida? Como explicar a força da sua personalidade? Qual o seu perfil psicológico, etc.? A resposta a esse tipo de perguntas tem diante de si dois caminhos: o de ater-se com todo res-

peito ao que as fontes disponíveis nos permitem concluir, ou o de enveredar pelo gênero da ciência-ficção com reconstruções subjetivas que projetam sobre a pessoa a visão ou os interesses do autor. Este tem sido o caso muitas vezes no que concerne a pessoa de Jesus. É surpreendente que, à margem de uma investigação técnica e responsável em âmbitos complementares do conhecimento histórico, tenham surgido nas últimas décadas numerosas publicações sobre Jesus - tipo O código da Vinci; A história secreta de Jesus; Jesus e Maria Madalena e outros - totalmente desprovidas de seriedade e objetividade científica, nas quais predomina uma fantasia desvairada, além de interesses não confessados. É supérfluo dizer que a imagem de Jesus transmitida por esses autores nada tem a ver com o Jesus da história e menos ainda com o da fé cristã.

O amor tem um lugar privilegiado na vida de Jesus

Situada, pois, corretamente, a questão levantada é de extremo interesse, embora exija muito cuidado para não cairmos na tentação criticada. De fato, a incursão no mundo interior das pessoas (mesmo daquelas cuja vida está bem documentada sob estes aspectos) é sempre um ato arriscado, porque o mundo íntimo das pessoas escapa em parte à análise dos historiadores. Nem por isso deveríamos recuar diante de uma pergunta instigante como esta. O amor, de fato, tem um lugar privilegiado na vida de Jesus. Não só porque constitui um (senão o) eixo central da mensagem de Jesus (“amai-vos como eu vos amei: nisto conhecerão que sois meus discípulos”; o amor a Deus e ao próximo é o resumo de toda a Escritura cristã, segundo Jesus), mas porque o modo de Jesus viver o amor opera uma reviravolta na nossa maneira humana de pensar o amor. A primeira resposta ao que foi a vivência do amor por Jesus nos é dada pelo impacto produzido por Jesus nas pessoas que entravam em contato com ele. Trata-se da pessoa de Jesus na sua unidade, não só do “Jesus humano”: ele era humanamente divino e divinamente humano.

“A recuperação da humanidade de Jesus Cristo e a sua reelaboração teológica foram uma conquista da maior importância para a espiritualidade e experiência cristã”

O comportamento de Jesus suscitou também oposição e hostilidade, mas é inegável que todos os que dele se aproximavam sem preconceito ficavam fascinados pelo que irradiava da sua pessoa. Numa palavra poderíamos dizer que, na relação com as pessoas, Jesus transmitia uma afirmação incondicional da vida, uma capacidade ilimitada de acolher, respeitar e acreditar nas pessoas e uma sensibilidade extrema de sintonia e compaixão diante do sofrimento. Atitudes essas que revelavam Jesus como uma pessoa que se sentia amada e unificada no amor (é toda a sua experiência do Pai como raiz e fundamento da vida) e por isso capaz de amar e dar-se aos outros (amor derramado).

Os preferidos de Jesus

Não é por acaso que (entre a variedade de pessoas e relações que tecem a vida de Jesus) os preferidos de Jesus, os que de maneira quase instintiva o percebem como uma “boa notícia” para as suas vidas, são os que os evangelhos chamam os “pequenos”: pobres, doentes, pecadores, prostitutas, enfim todos os excluídos do convívio social e religioso com os quais Jesus convive e se senta à mesa para devolver-lhes a dignidade e integrá-los na vida. Essa é uma primeira aproximação que ilumina a questão de como Jesus viveu o amor: numa vida realizada na entrega aos outros. Mas esse estilo de vida está relacionado com outro aspecto da vida de Jesus: o fato de não

ter se casado. Como explicar essa opção num homem que soube valorizar a mulher numa sociedade que as excluía e em cuja vida houve um entorno de amizades femininas que mostram em Jesus uma integração positiva dessa dimensão? O conjunto da vida e comportamento de Jesus, a capacidade de viver e valorizar a vida, de celebrar, de alegrar-se, etc. nos impedem interpretar essa opção de maneira negativa, como maniqueísmo ou como pura ascese. A explicação teria que ser buscada no que constitui os dois pólos articuladores da vida de Jesus: a referência ao Pai e o horizonte do “Reino de Deus”. No fundo se trata de um mesmo e único absoluto: a construção de um amor em família foi absorvida na vida de Jesus pela dedicação apaixonada ao Pai e ao Reino, transformados na sua vida em “boa notícia” encarnada para as pessoas. Esse “sinal” não era fácil de ser entendido. Nem naquela época nem hoje. Há indícios de que foi o que aconteceu com Jesus. A sua opção não foi bem compreendida. E sempre há os intrigantes de plantão. Assim como foi acusado de comer e beber e ser amigo de prostitutas e pecadores, parece que o chamaram de “eunuco”, isto é, castrado. Ao que Jesus respondeu de maneira gráfica com esta afirmação recolhida nos evangelhos: “há homens impossibilitados de casar-se porque nasceram assim; outros foram mutilados pelos homens; e há outros ainda que se tornaram assim por causa do reino dos céus. Quem puder entender, entenda”.

IHU On-Line - Quais os desafios que o Jesus humano apresenta para o estudo da cristologia?

Carlos Palacio - A recuperação da humanidade de Jesus Cristo e a sua reelaboração teológica foram uma conquista da maior importância para a espiritualidade e experiência cristã, e para a reflexão teológica. Não é, portanto, a descoberta da humanidade de Jesus que se torna problema para a cristologia, mas a necessidade de reelaborá-la teologicamente com todas as suas implicações. Em si mesma, a redescoberta da humanidade de Jesus é

o reencontro com a mais lídima tradição da fé cristã. E a riqueza do seu impacto consiste em perceber o alcance que essa perspectiva tem, tanto para o método e o conteúdo da cristologia contemporânea, quanto para a antropologia, a vida cristã e a presença do cristão no mundo. As dificuldades que surgiram do esquecimento desta dimensão se fizeram sentir, por um lado, no modo de focar a reflexão cristológica tradicional e, por outro, no distanciamento sempre maior entre a investigação exegética histórico-crítica e a teologia dogmática.

Uma cristologia dogmática

Ao perder a sua inserção na história concreta de Jesus, a cristologia se tornou cada vez mais “dogmática”, isto é, uma reflexão especulativa e abstrata sobre os enunciados conciliares da fé cristológica. Por sua vez o distanciamento entre exegese e teologia operou uma ruptura mortal entre a pesquisa exegética sobre o Jesus histórico e o chamado Cristo da fé; ruptura mortal porque a fé cristã não pode viver nem subsistir fora do acontecido em e com Jesus. O grande desafio, contudo, não é só voltar à história de Jesus e recuperar a significação que ela tem para os conteúdos da cristologia, mas mostrar como e em que há algo de irrepetível na história singular de Jesus que faz com que a fé cristã possa ver nele a revelação definitiva de Deus e a

salvação definitiva do ser humano e da história. O conteúdo da cristologia não é, em primeiro lugar, formado pelos enunciados dogmáticos, mas os “acta et passa” de Jesus, ou seja, os acontecimentos da sua vida, morte e ressurreição. Por isso, do ponto de vista metodológico, a cristologia contemporânea é mais indutiva do que dedutiva. Mas a reflexão cristológica não pode se contentar com repetir os resultados a que pode chegar à exegese moderna sobre Jesus. Ela tem que mostrar em que consiste a novidade escatológica de Jesus, isto é, o que há nele de definitivo. Por isso a cristologia hoje tem que trabalhar simultaneamente com uma abordagem bíblica e exegética adequada, para mostrar a partir dessa base a conexão que existe entre a Escritura e o dogma cristológico. Assim poderá, finalmente, justificar o caráter único e exclusivo da figura de Jesus.

IHU On-Line - Como define o livro de José Antonio Pagola, *Jesus. Aproximação histórica*?

Carlos Palacio - Conheço o livro de Pagola e os antecedentes que o prepararam, tais como *Jesucristo. Catequeses cristológicas* (1975) e *Jesús de Nazaret. El hombre y su mensaje* (1981). Tendo seguido de perto o itinerário do autor não é difícil definir esta sua obra maior: é o fruto maduro de um cristão apaixonado pela pessoa à qual se dirige a sua fé, a quem quer conhecer mais e melhor, inclusive, como neste

caso, através de uma rigorosa investigação dos estudos exegéticos contemporâneos. É por isso que o livro de Pagola é, ao mesmo tempo, existencial, vivo, de um inegável alcance pastoral e, por outro, uma leitura exigente e minuciosa de documentos áridos muitas vezes, mas indispensáveis. O autor mostra um vasto e fundamentado conhecimento da investigação exegética atual sobre a história de Jesus e apóia as suas reflexões e tomadas de posição no confronto das diversas opiniões. Trata-se de um livro cuja leitura empolga e que será de grande ajuda para as pessoas que não desanimarem com o seu volume. A sensibilidade pastoral de Pagola, que ele manifestou não só nos seus escritos, mas na acolhida que têm as suas atividades pastorais, consegue com este livro fazer acessível a pessoa de Jesus aos homens e mulheres de hoje, cristãos que buscam aprofundar e fundamentar a sua fé no meio da cultura pós-moderna, ou simplesmente pessoas que procuram um sentido para a vida. Sendo um livro sério e consistente, o objetivo do mesmo não é só acadêmico; o anseio profundo do autor não é só informar as pessoas, mas levá-las a um encontro pessoal e existencial com Jesus. O segredo do livro de Pagola é ter conseguido transmitir ao leitor a sua paixão por Jesus Cristo, de tal maneira que através da leitura deste livro sentimos que chega a nós a “boa notícia” contagiante que ele era e transmitia.



XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU - A EXPERIÊNCIA MISSIONEIRA: TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE

DATA DE INÍCIO: 25 DE OUTUBRO DE 2010
INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Memória

Dona Militana: o canto que vem de Oiteiro

O texto é de Haroldo Gomes, parceiro do IHU, em Natal, RN, e publicado nas **Notícias do Dia** 24-06-2010, disponível para download em <http://migre.me/UHyU>.

O romance popular é um breve poema, em versos simples, baseado em episódios dramáticos ou fatos históricos, destinado a ser cantado e transmitido oralmente. Parente bem próximo da literatura de cordel.

Pois bem. Militana Salustino do Nascimento (1925-2010), conhecida como Dona Militana, natural de São Gonçalo do Amarante/RN, foi uma das principais representantes desse gênero literário no Brasil. Ouviu, gravou. “Meu pai cantava e eu escutava por trás do algodão, foi assim que aprendi”, diz Militana à Revista *Preá* nº 22, publicação da Fundação José Augusto.

Costumava dizer: “tenho mais de 55 romances aqui no quengo”.

Militana cantou romances, modinhas, coco, xácaras, moirão, toadas e boi, aboios e fandangos. Na década de 90 do século passado, o folclorista Deífilo Gurgel tornou pública sua musicalidade. E Militana saiu do anonimato, ganhou o mundo. Logo se tornou figura requisitada em grandes eventos culturais de cunho nacional ao lado de artistas como Elba Ramalho e Antonio Nóbrega. Nunca se soube ao certo de onde vinha a arte de suas palavras:

“Vim de uma cultura dos pés rachados do sol. Eu tinha que pular nas sombras para aliviar a queimadura do roçado. E hoje sou ‘inventadeira’ das coisas. Para mim, a vida é um grande moinho, cheio de coisas novas”.

Recebeu até a Comenda Máxima da Cultura Popular, em Brasília, em 2005, das mãos do presidente Lula.

Porém, o canto de Militana não a livrou de uma vida repleta de graves problemas financeiros, sem ter sequer um plano de saúde. Em 2009, apenas, é que a Prefeitura de São Gonçalo do Amarante veio lhe conceder uma “pensão vitalícia”. No último sábado (19/06/2010), Dona Militana faleceu.



Lembranças de Dona Militana: a maior romancelira do Brasil

Dona Militana aprendeu a cantar com o pai, enquanto trabalhava no roçado, na comunidade do Oiteiro, no Rio Grande do Norte, onde vivia com a família. Segundo o professor Deífilo Gurgel, ela era “uma pessoa consciente do seu valor e quando ‘dava uma palavra’, tinha de mantê-la até o fim”

POR PATRÍCIA FACHIN

Deífilo Gurgel estuda e documenta o folclore nordestino há mais de três décadas. Poeta, escritor e professor, ele descobriu a maior romancelira do Brasil, Dona Militana, no Rio Grande do Norte, na década de 90, ao realizar uma pesquisa sobre romanceliros do país. Reconhecida, inclusive, pelo governo federal, ela recebeu a medalha de mérito cultural brasileiro.

Na entrevista a seguir, concedida, com exclusividade, à **IHU On-Line**, por telefone, o pesquisador conta que Militana era uma lavradora do Rio Grande do Norte e sabia cantar “um romance que ninguém conhecia no Brasil, nem em Portugal”. Segundo ele, em Natal, muitas pessoas cantam romances ibéricos, mas não na quantidade conhecida por Dona Militana. “Viajei por todo o nordeste e não consegui encontrar outra pessoa que soubesse cantar todas essas versões”, enfatiza. A maioria das letras dos romances cantados por Dona Militana já haviam sido registrados em livros, mas ninguém nunca havia musicado esse material. Por esse motivo, destaca, “ela é de uma importância transcendental e merece todas as homenagens que foram prestadas em vida e continuam sendo prestadas depois da morte”.

Dona Militana Salustino do Nascimento nasceu no sítio Oiteiros, na comunidade de Santo Antônio dos Barreiros, em 19 de março de 1925. Ela gravou na memória os cantos executados pelo pai. São romances originários de uma cultura medieval e ibérica, que narram os feitos de bravos guerreiros e contam histórias de reis, princesas, duques e duquesas. Além de romances, Militana canta modinhas, coco, xácaras, moirão, toadas de boi, aboios e fandangos. Ela faleceu no dia 19-6-2010, aos 85 anos.

Deífilo Gurgel nasceu em 1926, em Areia Branca/RN. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Natal, exerceu as funções de diretor do Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura - SMEC, de Natal; diretor de Promoções Culturais da Fundação José Augusto - FJA; professor de Folclore Brasileiro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Poeta e jornalista, Deífilo Gurgel publicou várias obras relacionadas ao folclore. Citamos *Danças Folclóricas do Rio Grande do Norte* (1995, 5ª ed.); *Manual do Boi Calemba* (1985); *João Redondo*; *Teatro de Bonecos do Nordeste* (1986) e *Romanceliro de Alcaçuz* (1993).

Consta que Deífilo, poeta na adolescência, somente aos 40 anos “descobriu” o folclore, passando a dedicar-se integralmente ao assunto. Residindo em Natal desde 1944, em suas pesquisas, ele tem se aprofundado nas raízes históricas do povo potiguar, o que resultou em descobertas inéditas, como as de 1985, quando coletou exemplos do romanceliro popular ainda não registrados por qualquer outro pesquisador brasileiro, merecendo menção o “Cavalo Moleque Fogoso”, de Fabião das Queimadas. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor é tido como a pessoa que “descobriu” Dona Militana, na década de 90. Como foi esse encontro?

Deífilo Gurgel - Em 1975, entrevistei o pai dela, seu Atanásio Salustino do Nascimento, e pedi para ele cantar para

mim todas as jornadas de um fandango que ele possuía e, que, aquela altura, já estava desativado. O fandango do nordeste é diferente do fandango do Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Norte, ele é um auto popular. Os dançarinos vestem o traje típico de

marujo, dançam formando duas alas e cantam as jornadas. Essa apresentação demora em torno de duas horas. No sul, é uma dança folclórica dançada por um grupo de pessoas formando uma roda.

Passou-se o tempo e, em 1985, ini-

ciei, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, uma pesquisa sobre romances ibéricos e brasileiros. Durante 10 anos, viajei pelo estado do Rio Grande do Norte, coletando versões de romances ibéricos, recebidos de Portugal, e romances brasileiros, criados na área da pecuária e do cangaço. Em 1981, quando a pesquisa estava em plena realização, me lembrei de que quando entrevistei seu Atanásio, ele cantou alguns romances. Então, fui procurá-lo e fiquei sabendo que já havia falecido, mas suas filhas disseram que Maria José - nome pelo qual Dona Militana era conhecida na época -, entendia de romances. O povo do Rio Grande do Norte é muito inibido, então, precisei conversar com ela para convencê-la a cantar alguns romances e, por fim, cantou 33 versões de romances ibéricos e brasileiros para eu gravar.

Nessas minhas viagens, conhecia informantes romanceiras e ficava felicíssimo quando uma delas cantava 10 romances. Mas conseguir 33 versões com uma única pessoa foi a glória. Fiquei contente com a descoberta dela e, a partir daí, sempre mantivemos as melhores relações de amizade.

IHU On-Line - O senhor disse que Dona Militana teve dois nomes. Pode contar essa história?

Deífilo Gurgel - A mãe dela pediu a uma comadre para registrar a menina no cartório e deu o nome de Maria José. A comadre da mãe de Dona Militana achou que Maria José era um nome muito comum e a registrou como Militana Salustino do Nascimento.

Quando a entrevistei pela primeira vez, conheci o irmão dela, que tinha o apelido de São Bento. Na ocasião, perguntei o nome completo dela e estava certo de que iria responder: "Maria José Militana Salustino do Nascimento". Mas ela disse: "é Militana Salustino do Nascimento". O irmão dela, imediatamente disse: "Nossa! Seu nome é esse, mas como eu nunca soube, se sou seu irmão e convivi com você desde menino?" Aí ela explicou o que tinha ocorrido. O pessoal só a conhecia por Maria José, e ela aceitava esse nome. Quando a Fundação Cultural Hélio Galvão começou a trabalhar

“Às vezes, ela dizia que não sabia os romances. Naquela época em que eu a entrevistei para gravar o Cd, o povo quase não cantava mais esses romances. Ela começou cantando isso, talvez, como cantiga de trabalho”

com dona Maria José e descobriram o nome dela, certamente acharam que era mais bonito esse nome medieval de Militana. Aí, eu tive de me render a ela e deixar o nome Maria José de lado.

IHU On-Line - Como foi essa experiência de trabalhar com Dona Militana na gravação desses 33 romances? Ela era muito tímida?

Deífilo Gurgel - Não foi muito fácil porque, às vezes, ela dizia que não sabia os romances. Naquela época em que eu a entrevistei para gravar o cd, o povo quase não cantava mais esses romances. Ela começou cantando isso, talvez, como cantiga de trabalho. Ela e o pai dela eram lavradores e trabalhavam no roçado que eles tinham na comunidade do Oiteiro. Enquanto Atanásio plantava, cantava os romances, e a filha aprendeu. Ele tinha uma voz maravilhosa e sabia muito mais do que Militana. Eu não tive a oportunidade de gravar esses romances com ele. Consegui apenas gravar o fandango, que tem 24 jornadas. Recentemente, enviei essas fitas para o Ministério da Cultura, e eles regravaram tudo.

Militana não tinha um temperamento muito dócil. Era uma pessoa consciente do seu valor e, quando "dava uma palavra", tinha de mantê-la até o fim. Houve um episódio interessante quando fomos a Aracaju fazer uma apresentação sobre romances do Rio Grande do Norte: estavam de-

morando para servir o jantar, e uma romanceira da Paraíba perguntou se Dona Militana gostaria de jantar em seguida, e ela respondeu: "Não estou pedindo nada para a senhora. Não precisa, não." Ela era assim; não tinha panos mornos - como costumamos dizer -, o que ela tinha a dizer, dizia logo na cara da pessoa. Nesse mesmo dia, pessoas do mundo todo assistiram a apresentação dela, ficaram encantados e a aplaudiram de pé. Em seguida, ela gravou um cd chamado *Romances e Cantadores*.

IHU On-Line - Que atividades Dona Militana exercia antes de ser considerada uma romanceira famosa?

Deífilo Gurgel - Não sei. Na época em que a conheci, ela deveria receber a pensão que o governo paga para as pessoas idosas, que o povo chama de aposento ao invés de chamar de aposentadoria. Essas são uma das coisas que se vê por aqui. O carnê para receber a aposentadoria, eles chamam de carneiro. O povo é uma beleza e tem umas coisas ótimas.

IHU On-Line - Qual a importância e o significado de Dona Militana para o folclore e para a cultura brasileira?

Deífilo Gurgel - Uma importância incrível. Ela cantava romances palacianos, romances religiosos e romances plebeus, de Portugal. Também cantava um romance religioso chamado *O Milagre do Trigo*. Quando ela cantou esse romance, vi que se tratava de algo muito importante e, imediatamente, telefonei para amigos que pesquisam romances no Brasil. Conversei com Bráulio do Nascimento, Jackson da Silva Lima e outros. Perguntei se eles conheciam esse romance. O único que conhecia, em parte, era Bráulio do Nascimento, mas ele conhecia o texto em forma de conto popular e não na forma poetizada, versegada e musicada.

Em seguida, participei de um seminário sobre cultura medieval, e lá encontrei com o professor J. J. Dias Marques, da Universidade do Algarve. Ele não conhecia esse romance em Português, mas me disse que, na biblioteca do Algarve, existiam algumas versões em castelhano e, posteriormente, me enviou o material. Então, quer dizer,

uma pobre lavradora do Rio Grande do Norte sabia um romance que ninguém conhecia no Brasil, nem em Portugal. Na região litorânea de Natal, muitas pessoas sabem cantar os romances ibéricos, mas não na quantidade conhecida por ela. Viajei por todo o nordeste e não consegui encontrar outra pessoa que soubesse cantar todas essas versões.

Cascudo¹ realizou uma pesquisa anterior, publicada no livro *Flor de Romances Trágicos*, contando a vida de cangaceiros, e transcrevendo romances desse pessoal, mas ele registrou apenas a letra. Dona Maria José sabia tudo: a letra, a música. Por isso ela é de uma importância transcendental e merece todas as homenagens que foram prestadas em vida e continuam sendo prestadas depois da morte.

Ela é a maior romancista do Brasil. Tive a oportunidade de conferir que é a informante que cantou o maior número de romances, e pelo fato de cantar romances inéditos no Brasil, e de o governo federal ter reconhecido a importância dela e ter concedido a ela a medalha do mérito cultural brasileiro, não podemos deixar de dizer que era e continua sendo a maior romancista do Brasil.

IHU On-Line - Além dos romances, ela conhecia outros aspectos da cultura popular?

Deífilo Gurgel - Em certa ocasião, perguntei se ela conhecia histórias de trancoso, contos de fada, e ela disse que sabia um bocado de histórias. Mas, infelizmente, a morte chegou primeiro do que eu, e ela foi embora levando tudo isso.

IHU On-Line - Que legado Dona Militana deixa para a cultura popular brasileira?

¹⁰ Luis da Câmara Cascudo (1898 - 1986): historiador, folclorista, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. Passou toda a sua vida em Natal e dedicou-se ao estudo da cultura brasileira. Foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Pesquisador das manifestações culturais brasileiras, deixou uma extensa obra, inclusive o *Dicionário do Folclore Brasileiro*. A edição 126 dos Cadernos IHU Ideias é intitulada *Câmara Cascudo: um historiador católico*, e pode ser lida em <http://migre.me/UHlk>. (Nota da IHU On-Line)

“Em certa ocasião, perguntei se ela conhecia histórias de trancoso, contos de fada, e ela disse que sabia um bocado de histórias. Mas, infelizmente, a morte chegou primeiro do que eu, e ela foi embora levando tudo isso”

Deífilo Gurgel - Deixa um legado muito grande. Nesta pesquisa que fiz sobre os romancistas, encontrei uma romancista chamada Jovina Monteiro. Ela cantou 23 romances para mim, e a voz dela é mais bonita que a de Dona Militana. Tenho esse material gravado e datilografado porque pretendo publicar um livro. Tenho 84 anos, mas antes da minha viagem definitiva, pretendo deixar publicado esse trabalho com romancistas do Rio Grande do Norte. Além dessas duas romancistas, coletei material com outros romancistas como Raimundo Fabião, neto de uma figura lendária de nosso estado, chamado Fabião das Queimadas.

IHU On-Line - O senhor conviveu com outro grande folclorista brasileiro: Luís da Câmara Cascudo. Que lembranças têm do contato com Cascudo?

Deífilo Gurgel - Cascudo era uma pessoa encantadora. Fui aluno de Direito dele, e o que ele menos ensinava era algo sobre Direito. Nas aulas, falava sobre o folclore e a história de Natal sem nenhum desmerecimento porque ele sabia essa história de ponta a ponta. Quando terminei o curso de Direito e fui ser professor de folclore brasileiro na universidade, sempre levava meus alunos na casa dele para conhecê-lo e ouvi-lo dar uma aula. Os alunos saíam encantados com Cascudo. Ele era um homem fabuloso, educado,

gentil e cultíssimo.

IHU On-Line - Qual foi a contribuição do Prefeito Djalma Maranhão na valorização dos movimentos culturais em Natal?

Deífilo Gurgel - Muito grande. Apesar de eu não ter tido muita aproximação com Djalma Maranhão, ele me tratava com muita cordialidade. Tenho uma admiração muito grande por ele, é tanto que, em um livro que escrevi, dediquei um capítulo para grandes figuras do folclore do Rio Grande do Norte e entre elas está Djalma Maranhão. Sempre que há a oportunidade de eu falar sobre ele, teço os maiores elogios, não só pelo apoio que ele deu à cultura, mas pelo desenvolvimento que ele deu à educação do Rio Grande do Norte. Na administração dele, foi desenvolvido um projeto chamado “De pé no chão também se aprende a ler”. Esse projeto teve uma importância muito grande para a população pobre da cidade, que tinha muita facilidade para aprender. As crianças aprendiam não só a ler, mas também sobre a cultura do Rio Grande do Norte. Djalma foi um administrador fabuloso. A população de Natal tem por ele a maior admiração. Uma multidão acompanhou o sepultamento dele, apesar de ter sido cassado pela Revolução.

IHU On-Line - Que influência teve o encontro com o Bumba Meu Boi na sua formação de folclorista?

Deífilo Gurgel - A minha formação de folclorista é interessante. Eu não gostava de folclore, não tinha aversão, mas não me interessava absolutamente. Nasci numa cidade do Rio Grande do Norte, que fica próxima do Ceará, e morei lá até os 12 anos. É uma das cidades mais distantes dos Centros Culturais. Lá eu via o Bumba Meu Boi e achava uma brincadeira pobre, não tinha a riqueza de outros Bumba Meu Boi.

Na época em que Djalma Maranhão foi prefeito da capital, por volta da década de 60, ele fazia promoções natalinas com apresentação de grupos folclóricos na rua, montava presépios e árvores de Natal. Quando eu terminava meu trabalho e passava no centro da cidade, via aquelas apresentações e pensava: “Precisa ter muita paciência, muito saco - com licença da

“É um folclore rico,
bonito, mas não tem
ainda o valor que deveria
ter. Um cineasta gravou
umas imagens de Dona
Militana e reclamou dos
cineastas do Rio Grande
do Norte pelo fato de
eles nunca terem
demonstrado interesse
em gravar imagens dela”

má palavra -, para as pessoas ficarem horas e horas vendo a chateação desses grupos, essa lenga-lenga.” Pensava isso porque, normalmente, as cantigas de fandango e chegada são lentas.

No ano de 1970, fui nomeado Secretário de Cultura da Prefeitura Municipal de Natal. Por conta disso, retomamos os festivais folclóricos de Natal. No setor que eu dirigia, tinha um velho batalhador do folclore do Rio Grande do Norte chamado Joaquim Caldas Moreira. Ele tinha trabalhado com Djalma Maranhão e conhecia o pessoal dos grupos folclóricos. Certo dia, fui com ele visitar o Bumba Meu Boi. Quando chegamos, o boi já estava dançando na praça. Vi os postes com luminárias de mercúrio focando em cima dos enfeitados do grupo - como o povo chama -, com aquelas fitas esvoaçantes, com os espelhos refletindo a luz dos postes e, aí, não teve jeito, me apaixonei de uma vez por todas pelo folclore e, principalmente, pelas danças. A dança deles é muito viva. Quando fui ser professor na universidade, estudei o folclore e publiquei livros sobre o assunto. O meu principal livro se chama *Espaço e tempo do folclore potiguar (Natal: Prefeitura Municipal/FUNCART, 1999)*, no qual dou uma panorâmica do folclore brasileiro e, detalhadamente, do folclore do Rio Grande do Norte.

“Lá nos Barreiros onde eu nasci,
Em São Gonçalo onde eu me criei,
Eu vou voltar pra meu sítio Oiteiro,
Adeus Rio de Janeiro, adeus.”

Poema cantado por Dona Militana

IHU On-Line - O folclore é muito valorizado no Rio Grande do Norte?

Deífilo Gurgel - Infelizmente, não. É um folclore rico, bonito, mas não tem ainda o valor que deveria ter. Um cineasta gravou umas imagens de Dona Militana e reclamou dos cineastas do Rio Grande do Norte pelo fato de eles nunca terem demonstrado interesse em gravar imagens dela.

Não sei se o governo do Maranhão prestigia o folclore maranhense, mas o povo prestigia. Quando os bois do Maranhão saem para dançar, a multidão acompanha. No Rio Grande do Norte, não há esse interesse. Quando veem um Boi, o pessoal até trata com menosprezo. Atualmente, por conta da universidade, o folclore está sendo um pouco mais valorizado.

O folclore do Rio Grande do Norte tem duas coisas fabulosas que não são levadas na devida consideração: uma é o nascimento de Câmara Cascudo no estado, que é considerado, por muitos, como o maior folclorista brasileiro; a segunda é a atitude que Câmara Cascudo teve de convidar Mário de Andrade para visitar o Rio Grande do Norte, em 1929. Ele ficou no estado durante um mês e quinze dias, num tempo em que não havia gravador e, documento em letra e em música, os nossos quatro autos populares: boi, chegada, fandango e cocos. É uma pesquisa que está publicada numa obra dele chamada *Danças Dramáticas do Brasil*, organizado por Oneyda de Alvarenga².

² Oneyda Paoliello Alvarenga (1911-1984): jornalista, ensaísta e folclorista brasileira. Especializou-se em crítica musical, sendo uma grande referência na documentação da origem e do folclore da música Brasileira. Foi aluna e colaboradora próxima de Mário de Andrade em suas investigações sobre a música popular em sua perspectiva antropológica contempo-

IHU On-Line - Como avalia a situação dos estudos sobre folclore no Brasil, atualmente? Que estado brasileiro mais valoriza o folclore?

Deífilo Gurgel - Em São Paulo, na cidade de Olímpia, realiza-se anualmente um festival de folclore. Eles publicam, inclusive, um anuário do folclore brasileiro. Essa é uma contribuição muito boa para o folclore, mas, infelizmente, os grupos que se apresentam são pára-folclóricos, ou seja, não são folclóricos autênticos.

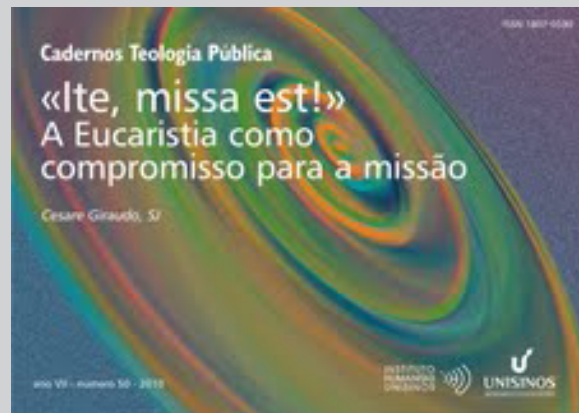
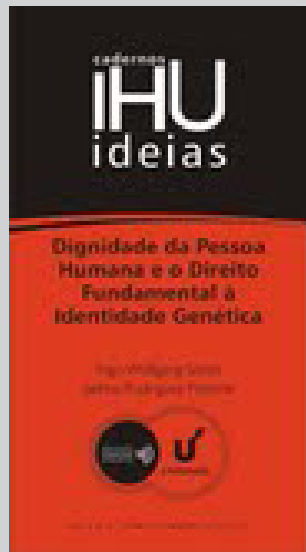
O estado que tem preservado melhor as suas manifestações folclóricas é Sergipe. Infelizmente eu não tenho viajado para lá em função da minha idade e também pelo medo que sinto em viajar de avião. Nesses lugares distantes, tem de ir de avião, se não, leva um mês. Por isso, não poderia dar um panorama exato de como estão os estudos e a situação atual do folclore pelo Brasil.

A Fundação Cultural do Rio Grande do Norte está planejando, para o mês de agosto, um festival de folclore. Existem alguns grupos autênticos de Bumba Meu Boi, em diversas cidades; o fandango e a chegada são dois grupos espetaculares. A dança é longa, mas vale à pena enfrentar o enfado e assistir do princípio ao fim.

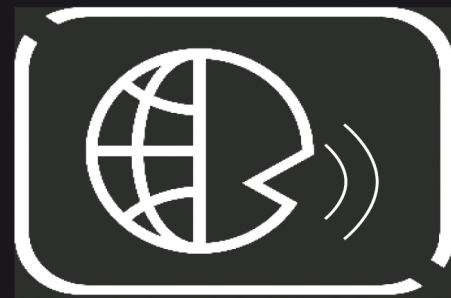
O deputado Fernando Mineiro (PT) tem dado muita importância ao folclore e apresentou um projeto de lei para beneficiar grupos e mestres folclóricos. O projeto considera todo o universo folclórico como patrimônio vivo. Essa iniciativa está começando. Vamos aguardar os resultados.

rânea. (Nota da IHU On-Line)

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR



Mídia e educação: a necessidade de refletir sobre sua regulamentação

POR PAOLA MADEIRA NAZÁRIO*

Refletir sobre uma “Educação para a Mídia” e as suas diferentes abordagens é essencial em tempos de digitalização, onde a marginalização tecnológica toma uma dimensão abismal, intensificada pelo forte fluxo de inovações tecnológicas convergentes, fenômeno que se percebe em uma grande fatia de determinadas classes sociais brasileiras, as quais vivem à periferia de uma rotina inclusiva nas e com as novas tecnologias de comunicação.

O sistema educacional brasileiro deve ampliar a noção de uma alfabetização digital, no espaço escolar, que integre análise e produção, bem como a crítica das relações entre os meios de comunicação, a informação e o poder. Atualmente, vive-se em uma sociedade complexa em constante transformação social e tecnológica, que altera os processos midiáticos e todos os sistemas de mediações das interações profissionais e pessoais, provocando e maximizando desigualdades. Numa perspectiva ampla, que considera as relações específicas entre os fenômenos comunicacionais e educativos, compreende-se a televisão como um meio de comunicação historicamente imbricado na trajetória da educação, tendo em vista sua grande força como produtora de sentidos e significados.

Nessa perspectiva, é importante um posicionamento governamental, como também dos movimentos sociais ligados à democratização da comunicação, no encaminhamento de proposta de leis educativas com o objetivo amplo de capacitar os alunos tanto para a apropriação dos avanços tecnológicos quanto dos conteúdos difundidos pela mídia; para, assim, favorecer e incentivar sua participação social, promovendo a democracia e a justiça social. Entende-se que tanto a comunicação quanto a educação são responsáveis por grande parte das aprendizagens que os indivíduos assimilam e adotam, assumindo papel decisivo na organização da atual sociedade. Imersa nesse cenário, em especial a televisão, presente em quase todos os lares brasileiros, constrói realidades, legitima valores e estimula comportamentos, através de seus conteúdos e modos de produção, atuando, especialmente, como agente de socialização.

Diante desse fato, a escola, como lugar específico de ação e reflexão, assume papel primordial na tarefa de proporcionar um espaço favorável a estes questionamentos. Isto se dá através do que se denomina uma “Educação para a Mídia”, que discu-

* Publicitária e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Atualmente, é docente e coordenadora executiva no curso de especialização em Estratégias e Processos em TV digital e, como membro do Grupo Cepos, auxiliar de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC-UNISINOS). E-mail: madeira_nazario@hotmail.com

te a mídia, especialmente a televisão, contribuindo no processo ensino-aprendizagem, no âmbito do ambiente escolar, para auxiliar na construção de novos conhecimentos, capazes de colaborar na formação de cidadãos mais conscientes.

Os fundamentos convergentes para uma política de responsabilidade social, que são encontrados tanto no campo da Comunicação quanto no campo da Educação, constituem-se nos termos legais da Carta Magna de 1988, na LDB de 1996; assim como no Decreto 4901/2003 sobre o Sistema Brasileiro de TV Digital Terrestre. Essa aproximação entre educação escolar e comunicação social se faz presente também nas diretrizes da Confecom de 2009, com propostas nessa direção, no entanto, ainda incipientes.

Observa-se que, sobre a digitalização, os objetivos primeiros do Decreto 4901/2003 do SBTVD-T remetem a: I - promover a inclusão social, a diversidade cultural do país por meio do acesso à tecnologia digital, visando à democratização da informação; e II - propiciar a criação de rede universal de educação à distância. E, no seu Artigo 3, referente à abertura de novos canais, contempla o “Canal de Educação: para transmissão, destinado ao desenvolvimento e aprimoramento, entre outros, do ensino à distância de alunos e capacitação de professores.”¹

1 BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 5.820, de 29 de junho de 2006. Dispõe sobre a implantação do SBTVD-T, estabelece dire-

“A escola, como lugar específico de ação e reflexão, assume papel primordial na tarefa de proporcionar um espaço favorável a estes questionamentos. Isto se dá através do que se denomina uma ‘Educação para a Mídia’, que discute a mídia, especialmente a televisão, contribuindo no processo ensino-aprendizagem”

Considerando as políticas citadas

trizes para a transição do sistema de transmissão analógica para o sistema de transmissão digital do serviço de radiodifusão de sons e imagens e do serviço de retransmissão de televisão, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5820.htm>. Acesso em: 30 out. 2009.

e compreendendo a educação como base para uma formação qualificada para o trabalho, e a elevação do nível escolar como fator fundamental para o cidadão alcançar melhores chances no atual mercado de profissões, que se apresenta altamente competitivo, é relevante a reflexão do papel da mídia na sociedade. Tenha visto que, ela, mídia corporativa e oligopolista, forma opiniões, costumes, crenças, bem como legítimos padrões, valores e ideologias, fato que merece uma atenção especial do campo da Educação.

Nessa direção, apropriar-se das mídias como recurso pedagógico na escola, passa, necessariamente, pela ampliação da consciência de todos os envolvidos no processo, especialmente porque as informações, disponíveis nos meios de comunicação, fazem parte do processo de construção dos conhecimentos dos cidadãos. Sendo assim, contemplar, em especial, a programação televisiva nos planos de estudos e propostas educativas das escolas, requer algumas reflexões por parte dos docentes. Estas apontariam para uma viabilidade dos processos de ensino e aprendizagem positivos, na dimensão de uma proposta de “Educação para a Mídia”, pois, com os constantes avanços tecnológicos, experimentamos um processo de mudança de tal ordem de grandeza, que noções tradicionais, sobre o papel e os modelos da educação, precisam ser fortemente questionadas.

PPGCC UNISINOS
Especialização · Mestrado · Doutorado

Fone: (51) 3591.11.22
Ramal 1356

Para a Compreensão da Economia Política da Teledramaturgia



NÚCLEO DE ANÁLISE DA
TELEDRAMATURGIA

www.grupocepos.net/nat

Contatos:

nat@grupocepos.net

Val.bri@terra.com.br

Kalikoske@hotmail.com

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 29-6-2010 a 05-7-2010.

Qual o limite da propriedade da terra?

Entrevista com Gilberto Portes, secretário executivo do Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo

Confira nas Notícias do Dia de 29-06-2010

Disponível no link <http://migre.me/TNR7>

Em setembro deste ano, será realizado o Plebiscito Popular pelo limite da terra que visa pressionar o Congresso Nacional para limitar o tamanho máximo da propriedade e uso dela por estrangeiros. Além disso, a revisão dos índices de produtividade é importante para a efetiva realização da Reforma Agrária no país.

O Bullying começa em casa

Entrevista com Ana Beatriz Barbosa Silva, psiquiatra

Confira nas Notícias do Dia de 30-06-2010

Disponível no link <http://migre.me/TNTI>

No livro *Bullying - mentes perigosas nas escolas* (Rio de Janeiro: Editora Fontanar, 2010), a médica analisa o perfil dos agressores que cometem Bullying. Mas não é apenas no ambiente escolar que o agressor pode ser reconhecido: no ambiente doméstico, mantém atitudes desafiadoras e agressivas.

Estudo de Baixo Carbono Brasil: uma reciclagem do discurso dos velhos atores

Entrevista com Lúcia Ortiz e Camila Moreno, ambientalistas do Núcleo Amigos da Terra Brasil

Confira nas Notícias do Dia de 01-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/TNVS>

Lançado recentemente, o Estudo de Baixo Carbono Brasil, trata do uso de solo para agropecuária e florestas. A pesquisa fez o cálculo do investimento e custos totais por tonelada de carbono que pode ser evitado com a intensificação do uso de pastagens pela pecuária bovina e pelo restauro florestal necessário para eliminar o passivo de reserva legal.

O voto do brasileiro: uma análise da cartografia eleitoral

Entrevista com Cesar Romero Jacob, cientista político e historiador

Confira nas Notícias do Dia de 02-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/TNXG>

O pesquisador analisa a cultura hegemônica do país e o perfil do voto do povo brasileiro e, ainda, reflete sobre as alianças que estão sendo feitas pelos dois principais candidatos, Serra e Dilma, para as eleições de 2010.

Entendendo o vazamento de petróleo nos EUA

Entrevista com Gerson Fauth, geólogo, professor da Unisinos

Confira nas Notícias do Dia de 03-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/UHPi>

As informações que chegam à população são de que pelo menos cinco mil litros de óleo vazam diariamente do “buraco” do poço de petróleo que sofreu acidente no Golfo do México. Este volume é cinco vezes maior do que o estimado quando a plataforma que extraía óleo deste poço afundou.

Teologia Pluralista e Teologia da Revelação

Entrevista com Faustino Teixeira, teólogo, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Confira nas Notícias do Dia de 04-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/UHVv>

A teologia do pluralismo e do diálogo inter-religioso e a influência da teologia latino-americana para a construção da paz mundial são debatidos pelo teólogo. De acordo com ele, “não há meio termo nessa luta essencial: ou formamos essa nova aliança global para cuidar de nosso planeta e lutar contra a dor dos humanos ou arriscamos nossa própria destruição”.

Pecuária e vegetarianismo no RS

Entrevista com Valério de Patta Pillar, ecólogo, e Eliane Carmanin Lima, psicóloga

Confira nas Notícias do Dia de 05-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/UHYm>

Campanhas como a “Segunda-feira sem carne” têm se propagado e gerado muitas discussões em torno da pecuária no mundo. O metano, gás liberado principalmente pelo gado, é um dos principais causadores do fenômeno do aquecimento global, e a diminuição do consumo da carne, segundo alguns especialistas, traria muitos benefícios para o meio ambiente.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Eventos

“Religiões do Mundo”: a ética mundial ao alcance de todos

Em 2010, o Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil, no IHU, em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, do Paraná, e o Centro Burnier Fé e Justiça, do Mato Grosso, realizou novas edições do programa “Religiões do Mundo”

POR MOISÉS SBARDELOTTO | IMAGENS DANIEL FAGUNDES

Neste primeiro semestre de 2010, o Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, levou o debate sobre as “Religiões do Mundo” para outras regiões do país. Em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, do Paraná, e o Centro Burnier Fé e Justiça, de Mato Grosso, foram realizados encontros e debates a partir da série de documentários apresentados pelo teólogo suíço-alemão Hans Küng, presidente da Fundação Ética Mundial.

O projeto “Religiões do Mundo” contempla as três maiores correntes religiosas presentes no Planeta: as religiões da sabedoria de origem chinesa (Confucionismo e Taoísmo), as religiões da mística de origem indiana (Hinduísmo e Budismo) e as religiões da profecia de origem no Oriente Médio (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), além das Religiões Tribais africanas e australianas. Os documentários foram gravados nas grandes capitais religiosas do mundo. A partir dos vídeos, especialistas convidados ajudaram a refletir sobre a ética comum, presente em todas as religiões.

Em Curitiba, a realização do ciclo “Religiões do Mundo” superou as expectativas de público. Os encontros ocorreram entre os dias 10 de abril e 29 de maio, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC-PR, com o apoio da Pastoral da Universidade. A exibição dos documentários esteve praticamente com lotação esgotada em todas as sete sessões, atraindo mais de 250 pessoas em cada encontro. Segundo os organi-

zadores, a composição do público foi diversificada, com a participação de muitos estudantes de filosofia e teologia. “Conhecer minimamente elementos de outras religiões que não a sua foi a motivação que levou a maioria das pessoas a participar do evento”, afirmou César Sanson, membro da equipe de organização do CEPAT.

Para ele, pôde-se perceber três situações ao longo dos encontros. “A primeira delas é o profundo desconhecimento sobre os princípios, características e elementos da história das religiões. Muitas das perguntas elaboradas para os assessores nos debates manifestavam interesse por curiosidades e aspectos específicos das religiões”, comentou. Além disso, ficou clara a existência de uma “cultura da intolerância religiosa”, mesmo que minoritária. “Em alguns debates, intervenções mais duras exprimiram a falta de tolerância para com outros grupos religiosos. Várias vezes, o debate ficou acalorado entre posições um pouco mais extremadas”, disse. Mas, principalmente, viu-se também “uma profunda abertura às outras religiões, uma grande vontade de conhecê-las e entendê-las”.

Os palestrantes convidados foram o Prof. Ms. Ignacio Dotto Neto (Judaísmo); Prof. Dr. Jamil Skandar, da PUC-PR, e Gamal Oumairi, do Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos do Paraná (Islamismo); Prof. Dr. Cesar Kuzma, da PUC-PR (Cristianismo); Prof. Dr. Pe. Joachim Andrade, da Faculdade Vicentina do Paraná (Hinduísmo); Milton Eiti Sato, do Centro de Estudos Budistas

Bodisatva do Paraná (Budismo); Prof^a. Ms. Marilene Garcia de Souza (Religiões Tribais); e Prof. Ms Rodrigo Wolff Apolloni (Religiões Chinesas).

Além dos vídeos, também foi montada a exposição “Religiões do Mundo”, composta por 15 banners que resumem, de forma didática e atrativa, os conteúdos dos vídeos. Os painéis foram expostos no saguão de acesso ao auditório da PUC-PR, e, nos intervalos, o público aproveitava para ver a exposição e também fazer anotações de seu conteúdo. Grande parte do público, posteriormente, entrou em contato com o Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil para adquirir cópias dos documentários, valorizando a qualidade e a clareza pedagógica do material.

Já no Mato Grosso, os encontros estão sendo realizados desde o dia 06 de maio, com encerramento no próximo dia 08 de julho, organizados pelo Centro Burnier Fé e Justiça, em Cuiabá. Todas as noites de quinta-feira, um grupo de pessoas interessadas tem se reunido para conhecer um pouco mais sobre como o ser humano busca o divino em diversos pontos do planeta. O videofórum tem o apoio do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil, no Mato Grosso (Conic-MT), o Centro de Estudos Bíblicos, em Mato Grosso (CEBI-MT), além dos movimentos Círculo da Paz e Um Grito pela Paz.

Em Cuiabá, também há uma novidade: além dos sete documentários da série “Religiões do Mundo”, os organizadores incluíram outros dois documentários sobre as religiões afro-brasileiras e as

religiões indígenas do Mato Grosso. Mais de 300 pessoas já participaram do evento ecumênico, que ocorre no Colégio Isaac Newton (CIN).

Para o padre João Inácio Wenzel, coordenador do Centro Burnier Fé e Justiça, “a realização deste videofórum ajuda a estender as fronteiras do diálogo religioso e cultural para além de nossas fronteiras. Aproxima pessoas, abre os olhos para ver o que não se via e os ouvidos para escutar outras melodias que trazem tons de alegria e de paz”. Para ele, “o sentido da vida aparece como pano de fundo em todos os documentários”. Wenzel destaca ainda que “a janela da contribuição em processos de paz é o enfoque dos documentários, e a contribuição que podemos dar neste processo tem orientado os debates”.

As sessões começaram com o documentário sobre Judaísmo, no dia 6 de maio. O convidado foi o médico cirurgião judeu Jairo Lew. O padre espanhol José Cobo, mestre em Teologia, comentou o vídeo sobre Cristianismo. O encontro sobre Islamismo contou com a presença do xeique egípcio Amer Hikal, líder islâmico no Mato Grosso, e do cirurgião dentista muçulmano Omar Hussein Hallak. As Religiões Chinesas foram comentadas pelo teólogo Luiz Augusto Passos, professor da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Ivan Deus Ribas, da Associação Meditar de Cuiabá, participou do debate sobre Budismo. Já a Dra. Darcy Gomes Neto, professora aposentada da UFMT, falou sobre o Hinduísmo. As Religiões Tribais foram comentadas pelo pastor Teobaldo Witter, histórico militante pelos direitos humanos no Mato Grosso. Edézio Lima Fernandes, do Movimento Negro, abordou as Religiões Afro-Brasileiras. E na próxima quinta-feira, dia 08, a mestre Darlene Yaminalo Taukane comentará o documentário sobre as Religiões Indígenas do Mato Grosso.

Novas edições

O programa “Religiões do Mun-

do” foi organizado pela primeira vez entre agosto e outubro de 2009, tendo reunido líderes religiosos que comentaram os documentários apresentados por Hans Küng no IHU, em São Leopoldo, e na Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre. Além da exibição dos vídeos, foram também organizados dois momentos gastronômicos no Bistrô da Gastronomia, no campus da Unisinos, em parceria com o curso de Gastronomia. Neles, os participantes puderam degustar pratos e belisquetes relacionados às tradições religiosas apresentadas.

Como indica César Sanson, do CEPAT, o programa “Religiões do Mundo” permite compreender “que as religiões são decisivas para a construção da paz entre as nações que são portadoras de padrões éticos universais. Para que isso de fato possa acontecer, um primeiro passo necessário é conhecer as religiões - caminho para o início do diálogo”.

O Escritório da Fundação Ética Mundial também já foi contatado pelo Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-Rio e pelas instituições maçônicas Grande Oriente do Brasil - Paraná, Grande Oriente do Paraná e Grande Loja do Paraná para organizar os encontros “Religiões do Mundo” em suas sedes, na segunda metade deste ano.

As Religiões do Mundo e a Ética Mundial

Para Hans Küng, existem traços comuns na ética de várias religiões e na filosofia. Um exemplo dessa constante nas religiões é a chamada “regra de ouro”, que perpassa os fundamentos das grandes tradições religiosas mundiais. Essa ideia está fundamentada na obra do teólogo “Projeto de ética mundial” (Paulinas, 2001), em que se desenvolve, de maneira programática, a ideia de que as religiões do mundo só podem contribuir com a paz da humanidade se tiverem presente o que já lhes é comum no âmbito da ética: se chegarem a





NA PÁGINA ANTERIOR, IMAGENS DO EVENTO **RELIGIÕES DO MUNDO**, EM CURITIBA-PR. AO LADO, FOTOS DO EVENTO EM CUIABÁ-MT



um consenso básico com relação a valores obrigatórios subsistentes, parâmetros inamovíveis e atitudes pessoais básicas.

Em 1993, em Chicago, o Parlamento das Religiões Mundiais assinou a “Declaração de ética mundial”, elaborada pelo teólogo, mediante um processo inter-religioso de consultas. Desde então, essa declaração é o documento fundamental para o desenvolvimento dessa concepção da ética mundial. Por meio da declaração, representantes de todas as religiões alcançaram um acordo sobre princípios para uma ética global e se comprometeram com quatro diretrizes irrevogáveis, que se concretizam através de:

- Compromisso com uma cultura da não-violência e do respeito à vida
- Compromisso com uma cultura da solidariedade e uma ordem econômica justa
- Compromisso com uma cultura da tolerância e uma vida de autenticidade
- Compromisso com uma cultura da igualdade de direitos e do companheirismo entre homens e mulheres.

O projeto de ética mundial apoia-se, por isso, em quatro convicções básicas: não há paz entre as nações, sem paz entre as religiões; não há paz entre as religiões, sem diálogo entre as religiões; não há diálogo entre as religiões, sem padrões éticos globais; não há chance de sobrevivência para nosso planeta, sem uma ética global, uma ética mundial, apoiada

por pessoas religiosas e não-religiosas.

Subsídios didáticos

Ao rastrear as pegadas e as marcas das religiões mundiais em seus quatro milênios de história, o projeto “Religiões do Mundo” nos ajuda a compreender, por meio dos sete vídeos e dos 15 painéis didáticos, a fé dos diversos povos do mundo, para a construção de uma ética comum em busca da paz. Além desses materiais, o site do IHU contém diversos materiais referentes ao diálogo inter-religioso e à Ética Mundial, seja nas Notícias Diárias, nas edições das revistas **IHU On-Line** ou em suas demais publicações, todas disponíveis gratuitamente on-line.

O Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil disponibiliza esse material para o público interessado, colaborando com a formação cultural e religiosa. Ao longo de 2010, dezenas de pessoas de todo o Brasil entraram em contato com o Escritório para solicitar suas cópias, que poderão, assim, ser usadas em eventos religiosos, salas de aula e também como opção de material de formação para grupos e movimentos em geral.

Os materiais podem ser utilizados como opção didática no estudo das grandes tradições religiosas do mundo. Para os interessados que desejam solicitar o empréstimo ou a cópia dos subsídios, basta entrar em contato pelo e-mail <etica-mundial@unisinos.br>.



Cadastro de Pós-Graduados

A Comissão para a Doutrina da Fé da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, está estimulando o cadastro de pessoas pós graduadas, especialmente entre o clero, religiosos e profissionais vinculados à Instituições Eclesiásticas. As informações são de Wilson Angotti, padre, assessor da Comissão para a Doutrina da Fé. A notícia foi publicada originalmente nas Notícias do Dia 06-07-2010, no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://migre.me/UImB>. Eis as informações.

O porquê do cadastro de pós-graduados

A Comissão Episcopal para a Doutrina da Fé, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), pretende com esse serviço oferecer um banco de dados, dinâmico e atualizável, sobre pessoas ligadas à Igreja que tenham pós-graduação em áreas di-

versas de conhecimento. Esse cadastro possibilitará melhor visibilidade e aproveitamento dos estudos de cada um e, conseqüentemente, um melhor serviço à Igreja.

É importante que essa iniciativa seja amplamente divulgada entre o clero, nos seminários, nas universidades e em outras instituições de ensino ligadas à Igreja a fim de que se realize o cadastro dos clérigos que possuam especialização, mestrado ou doutorado e também de religiosos e leigos, nestas mesmas condições, que atuam em instituições de ensino da Igreja.

Utilidade desse registro:

Esse sistema nos oferece facilidade de acesso a informações sobre as pessoas e suas áreas de conhecimento e também identificar as áreas em que mais faltam pessoas preparadas. Facilita a identificação e localização de professores, peritos

ou assessores, segundo a necessidade de quem procura. É possível, por exemplo, localizar:

* Todos os cadastrados que possuem doutorado em uma determinada área de conhecimento.

* Quem possui mestrado, numa Diocese ou Regional específicos.

* Quais são os professores que lecionam esta ou aquela matéria, no Estado.

* Ou fazer uma pesquisa por nomes ou dioceses.

* Pesquisas podem ser realizadas gratuita e livremente por qualquer pessoa, independentemente de ser ou não cadastrada.

* Aos cadastrados, conservando-se a senha utilizada é possível, posteriormente, corrigir, completar, atualizar e consultar os dados registrados.

* O acesso é feito pelo site da CNBB, através da página da Comissão para a Doutrina da Fé ou pelo link <http://migre.me/UN3U>.

SEMINÁRIO JOGUE ROAYVU: HISTÓRIA E HISTÓRIAS DOS GUARANI

DATA DE INÍCIO: 12/08/2010 DATA DE TÉRMINO: 14/10/2010

INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

IHU Repórter

Simone Blume

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Secretária da Reitoria, Simone Blume é funcionária da Unisinos pela segunda vez. Formada em Relações Públicas, ela planeja retomar os estudos com um MBA em Gestão de Projetos. Mãe do casal João Paulo, 9 anos, e Mariana, 8, ela revela que investe seu tempo com eles, brincando, lendo, preparando lanches gostosos e ensinando-lhes o quanto é bom e bonito viver em harmonia com as pessoas. O suporte oferecido pelos pais de Simone é fundamental para que ela consiga criar a dupla sem a presença do pai, com a cara e a coragem de uma mulher que sabe o valor da sinceridade e de dizer o sente em seu coração. Confira.

Origens - Nasci em São Leopoldo, em 14 de setembro de 1969. Aqui cresci e estudei. Meus pais, Armando e Loiva. Eles são o meu tesouro. Tenho uma irmã um pouco mais jovem do que eu, a Fátima. Hoje ela vive em São Paulo.

Relações Públicas - Cursei Relações Públicas na Unisinos. É bem o meu perfil, pois gosto muito da comunicação e interagir com as pessoas. Concluí meu pós em Administração de Recursos Humanos também na mesma instituição. Apesar de ser secretária por muitos anos, meu “lado RP” fala mais alto. Penso em fazer um MBA em Gestão de Projetos.

Experiência no exterior - Em 1997 casei-me e fui morar no Peru. Lá vivi por quatro anos. Voltei em outubro de 2000, quando nasceu meu filho João Paulo. Meu ex-marido é peruano, por isso larguei tudo e fui para o país dele. Lá trabalhei e tive oportunidade de estudar também, foi uma experiência enriquecedora cultural e pessoalmente. As manias que se tem e as tolerâncias que não se tem, são totalmente colocadas em xeque numa situação dessas. Quando voltei para o Brasil, trabalhei em duas grandes indústrias

e depois fui chamada por uma petroquímica para atuar como RP. Lá foram mais quatro anos de trabalho com responsabilidade social, uma veia que descobri e que me encantou. A seguir, a Unisinos chamou-me novamente.

Funcionária da Unisinos - Comecei a trabalhar na Unisinos em 1987, e fiquei até final de 1996, também na reitoria. Saí e voltei após 14 anos. No dia 17 de junho de 2010 completou um ano do meu regresso à Universidade, como funcionária. Atuei por dez meses no doutorado e mestrado na área 4, no Direito. Depois, fui transferida para a recepção da Reitoria. Nessa função atual, estou conhecendo muita gente, algo instigante.

Filhos - Tenho um casal de filhos, o João Paulo, de 9 anos, e a Mariana, de 8. Eles são a coisa mais divina da minha vida. Moramos juntos, próximos aos meus pais. Se não fosse minha família eu não teria como trabalhar e cuidar de duas crianças. Meio turno eles ficam com os avós, e no outro, vão para a escola. À noite e nos finais de semana, é tudo comigo. Ambos participam de um grupo de escoteiros, e adoram essa atividade.



A maternidade é uma nova fase da minha vida. Eu nunca me imaginava mãe, achava que não tinha perfil para isso. Vivo uma maternidade mais realista, que não está só dentro de casa. Nesse sentido, meus filhos são muito companheiros meus. Discutimos bastante, “de igual para igual” como não poderia ser diferente, são muito críticos. Como eles não têm mais o pai por perto, pois ele voltou para o Peru, sou a grande referência deles. Fazemos uma avaliação semanal de como foi nosso comportamento, e nós três dizemos o que foi bom e o que não foi tão bom. Meu filho andava muito rebelde, e aí me questionei o que poderia estar acontecendo. É que as crianças são o reflexo dos pais... Eles perguntavam por que eu estava sempre braba, correndo, porque não ficava mais com eles. Por isso, tentei compreender o que estava havendo. Quando me dei conta que eles sentiam falta de mim porque eu trabalhava muito tempo fora, à noite, viajando por semanas, e quando em casa, não dava a atenção que eles mereciam, resolvi mudar de trabalho e horário.

Orgulho de mãe - Há alguns dias fui pegar o boletim deles, da escola, e



SIMONE COM OS FILHOS NO ZOOLOGICO

a professora disse, feliz, que deles só se podiam falar coisas boas. O João, disse ela, é muito compenetrado. A Mariana vai pelo mesmo caminho. São preocupados com a qualidade do que estão fazendo. Eles tiveram que aprender por eles mesmos, na época em que eu trabalhava na petroquímica e ficava pouco com eles. O João adora ler, e já “devorou” toda a coleção do Harry Potter. A Mariana ainda não gosta tanto de leitura, pois não tem muita paciência.

Lazer - Quando não estamos num parque, ao ar livre, andando de bicicleta, estamos em casa, brincando e fazendo bagunça, cinema é outra pedida. Gosto de uma boa leitura antes de dormir. Sou bem dorminhoca. Felizmente, meus filhos também tiram boas sonecas comigo. Aos domingos, curtimos todos juntos, com meus pais. Passamos muito tempo reunidos, deitados no sofá, vendo TV e jogando videogame. O João e a Mariana ficam loucos comigo porque eu não sei jogar aqueles jogos. “Mãe, tu só perdes!”, eles me dizem... E caímos na risada.

Religião - Sou católica de formação. Acredito em Deus, e rezamos coletivamente em casa. Penso que devemos agradecer pela nossa vida. Minha espiritualidade não exige que eu esteja dentro de uma igreja, mas traz à tona a luz que existe dentro de mim. Certamente estamos na Terra com um propósito, e precisamos ter a humildade de aprender e pedir desculpas. Procuo falar para meus filhos que todos somos espíritos de luz e que estamos nesta vida para brilhar e sermos felizes.

Sonhos - Já realizei muitos dos meus sonhos, a maternidade foi algo que não tinha sonhado, e que realizei. Agora, sonho que eles sejam felizes, que encontrem o caminho deles. Não se trata de bens materiais, viagens, mas algo bem superior. Minha missão na Terra, agora, é guiá-los para que eles atinjam a felicidade, tendo amor por eles próprios e os demais, por que acredito que no momento que somos felizes, seremos profissionais competentes, enfim, pessoas do bem que só querem o bem.

Valores - Não faço aos outros aquilo não quero que façam para mim. Isso é algo que sempre passo para meus filhos. Além disso, não podemos ter medo de demonstrar para as pessoas o que sentimos por elas. Depois, por algum motivo, essas pessoas nos deixam e perdemos a chance de dizer a ela aquilo que gostaríamos. Digo isso a eles a toda hora: é preciso dar muito abraço, muito beijo no Vó e na Vó, nas pessoas que amamos e que são importantes para nós, sem medo de parecer brega.

Atividade física - Raramente faço atividade física. Sorte que sou magra. No verão, mais por fins de socialização, faço hidroginástica. Mas o que gosto mesmo é de andar de pés descalços, na terra.

Cozinha - Não gosto de cozinhar, mas meus filhos adoram o que eu preparo. Aos domingos, é o dia que cozinho o que eles gostam: massas e lasanha. Normalmente, cozinho pouco. Curto mesmo é fazer pães de queijo, bolo, pastéis e docinhos.

Unisinos - Gosto mais da Unisinos agora. A universidade está mais dinâmica, mais profissional, como as empresas. Hoje há outra dinâmica em relação ao passado. Antes, havia um perfil mais paternalista, que também era gostoso, mas que nos fazia acomodarmos. Hoje, há um constante estímulo ao crescimento, à busca, à qualificação.

IHU - Eu sempre “roubava” a revista do IHU, que acho interessantíssima. Ali há ideias muito instigantes, e o Instituto inteiro vai nessa linha. O IHU faz pensar que as verdades não são apenas aquilo que os outros nos dizem. Nós podemos ajudar a construí-las.

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Destaques



Erwin Kräutler na Unisinos

A Amazônia estará em debate nos dias 5 e 6 de agosto, na Unisinos. A construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, seus impactos socioambientais, os desafios dos projetos de desenvolvimento sobre a vida e a cultura das populações indígenas e a presença e atuação da Igreja na região na Amazônia são temas a serem discutidos por D. Erwin Kräutler, bispo do Xingu e presidente do Conselho Indigenista Missionário - CIMI. O evento é uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e será realizado na Sala Ignacio Ellacuría e companheiros e no Teatro Municipal de São Leopoldo. Para saber mais acesse <http://migre.me/UKN8>

Ciclo de Filmes debate políticas de identidade e saúde mental

O Ciclo de Filmes e Debates - Subjetividade e Normalização: Discutindo políticas de identidade e saúde mental na sociedade contemporânea será um pré-evento ao XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo bi-político da vida humana. O ciclo se realiza de 17-08 a 09-09 e tem como objetivo discutir as estruturas de sentimento que emergem nas experiências dos atores sociais contemporâneos. No primeiro encontro, dia 17 de agosto, será exibido o filme *Minha vida em cor de rosa* (da Bélgica), com debate posterior conduzido pela Profa. MS Cláudia Weyne Cruz, da Escola de Saúde Pública de Porto Alegre. Mais informações em <http://migre.me/UKLw>



A história dos Guarani em debate

No próximo dia 12 de agosto inicia o Seminário Jogue Roayvu: História e Histórias dos Guarani. Trata-se de um pré-evento do XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missionária: território, cultura e identidade. Este seminário busca apresentar uma síntese sobre a história dos Guarani no sul do Brasil, a partir de múltiplas abordagens, tais como a arqueologia, a etnohistória e a etnografia. Além de filmes, as conferências do seminário serão ministradas pela Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins, Prof. Dr. Jairo Rogge, Prof. Dr. Walmir Pereira, Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz, professores da Unisinos, Egon Heck, coordenador regional do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) do Mato Grosso do Sul - MS e por uma liderança indígena guarani. Saiba mais em <http://migre.me/UKMv>



Apoio:

